

B R E V E
M E M Ó R I A
C R Í T I C A

da obra de

G E R A R D O
M E L L O
M O U R Ã O



"Rio, 8 de janeiro de 1978

Meu caro Gerardo Mello Mourão

Há coisas que não se explicam nem se desculparam. Como esta: *Rastro de Apolo* e *O Valete de Espadas* em segunda edição aqui na mesa e na leitura continuada, e eu sem abrir o bico para o agradecimento entusiástico, semanas e semanas seguidas. Bato no peito, envergonhado. O "Valete" já era livro de minha devoção, desde o ano remoto de 60. O "Rastro", eu o prelibava desde a notícia postal que você me mandara de sua conclusão, nada menos que em Delfos, com toda a cor local e impregnação mítica imagináveis. Pois bem: livro pronto e impresso, exemplar em minhas mãos, deixei cair o silêncio, talvez, quem sabe? — como preito maior ao poeta que vive em nossa pátria comum o destino de ser desconhecido, mal conhecido, inconnhecido, sei lá, quanto mais sua criação exorbita dos padrões ressecados.

Agora não posso mais sentir-me em falta verbal e proclamo aqui o furor admirativo que você provoca neste leitor enfastiado das mesmices poéticas nacionais e mesmo internacionais, apresentadas como produtos vanguardistas ou experimentais, tão caducas de nascimento — enquanto você, solitário e inventivo, realiza a fusão da áspera e sofrida alma sertaneja com o espírito apolíneo, síntese estupenda que resultou em livro memorável, montanha na planície poética da atualidade.

Obrigado, meu caro e grande poeta: a admiração plena e afetuosa do seu,
num abraço

Carlos Drummond de Andrade

OBRAS DE GERARDO MELLO MOURÃO
editadas por GRD

O Valete de Espadas

Três Pavanais

Dossiê da Destruição

O País dos Mourões

Rastro de Apolo

*Os Peãs (O País dos Mourões, Peripécia de Gerardo e
Rastro de Apolo)*

Piero della Francesca ou As Vizinhas Chilenas

Susana-3

Outros Editores

Cabo das Tormentas (edição do Autor)

O Valete de Espadas (3.^a, 4.^a e 5.^a edições, diversos)

Peripécia de Gerardo (Paz e Terra)

Os Peãs (2.^a edição, Record)

Invenção do Saber (Paz e Terra)

Traduções

O Valete de Espadas em alemão, francês, espanhol e
iugoslavo

O País dos Mourões em espanhol.

B R E V E
M E M Ó R I A
C R Í T I C A

da obra de

G E R A R D O
M E L L O
M O U R ã O

Edições GRD
São Paulo, 1996

Editoração eletrônica: Tera Dorea

© Copyright 1996, by Gerardo Mello Mourão. Direitos da presente edição reservados por Gumercindo Rocha Dorea F. Ind. - Rua 13 de Maio, 363 - 01327-020 - São Paulo, SP. Telefone: (011)277-9616.

Convite ao Poeta

As páginas desta “Breve Memória Crítica” são apenas um convite ao poeta. Isto é, à leitura e à dimensão da obra poética de Gerardo Mello Mourão. Não foi fácil organizar este texto. Dos mais de trezentos ensaios e artigos, escritos no Brasil e no exterior, a incansável devoção de Léa, a mulher do poeta, conseguiu guardar apenas o “thesaurus” caótico e fragmentário de algumas páginas de livros e jornais, verdadeiros salvados do incêndio de uma vida a que o poeta Augusto Frederico Schmidt chamaria de “espantosa trajetória de sua residência na terra, uma existência pungida de rica e patética aventura e enfurecida beleza humana”. A propósito dessa patética aventura, lembra ainda agora o poeta espanhol Jesus Moreno Sanz, transcrito numa destas páginas, que o poeta participou, “como o Dante, da ação política de seu país, com perseguições, cárceres e exílios”.

Os escritos de Gerardo Mello Mourão foram várias vezes seqüestrados. Sofreram o roubo público e o roubo privado, como o misterioso furto de quatro pastas de recortes de jornais, surripiadas de seu próprio Gabinete, quando presidia um órgão cultural do Rio de Janeiro. Foi preciso, portanto, pesquisar arquivos e guardados de amigos para reunir os julgamentos aqui apresentados, podemos dizer caoticamente, enquanto se prepara um inventário futuro.

Assim, não deixa de ter razão a GRD — editora da maioria de seus mais importantes livros — quando presta, neste momento, homenagem a Gerardo Mello Mourão, reunindo no presente volume textos e fragmentos sobre sua obra: cumpre um dever do espírito e oferece um testemunho impostergável a um dos momentos mais altos da poesia contemporânea, privilegiadamente situado no Brasil.

Não foi fácil vencer as resistências do poeta. Costuma repetir aos amigos a frase que faz lembrar a fé violenta de Kafka: "Escrevo para comparecer com estes papéis na mão, diante de Deus, no Juízo final, no Vale de Josafá."

Mas, como queria Otto Maria Carpeaux, a literatura é implacável: ela também espera, mas às vezes começa a anunciar o juízo definitivo antes do Vale de Josafá. Neste ano de 1996, Gerardo Mello Mourão está sendo consagrado no Ceará, com o mais alto título e galardão que ali se oferece aos filhos da terra — o signo é troféu da "Sereia de Ouro", conferido pelo Sistema Verdes Mares, fundação do empresário Edison Queiroz, que envolve, além de poderoso complexo industrial, centros de comunicação e de cultura, emissoras de rádio e televisão e a modelar Universidade de Fortaleza, que tem como Chanceler a Sra. Yolanda Queiroz, primeira-dama da cultura e da inteligência de seu Estado. Também neste ano Gerardo Mello Mourão está concluindo o grande poema épico das navegações e descobrimentos portugueses, culminados com o achamento do Brasil. Os que já leram, aqui e no exterior, os primeiros cantos desta que é talvez a primeira epopéia da poesia contemporânea, já a celebram como um dos textos fundamentais da língua portuguesa de todos os tempos. O poeta espera, ainda, terminar seu longo poema sobre o Nome de Deus — o Inefável, o Indizível — preparando-se para completar seus redondos oitenta anos e esperar a morte — a doce morte da cantata de Bach. Desejaria, para esse acontecimento final, ir morar, nos dias crepusculares do epílogo da vida na terra, na cidade de Belém de Judá, na Palestina, por onde andou há poucos anos. Se as guerras da região sagrada não lhe permitirem esta que foi a última morada de São Jerônimo, que acredita, como Léon Bloy e Valéry Larbaud, ser o maior dos escritores do Ocidente, buscará a opção de outro refúgio e outra solidão. Assim, espera que nada mais interrompa seu diálogo com o Indizível, o senhor das palavras, das coisas, dos seres e dos lugares.

Gumercindo Rocha Dorea
— Edições GRD —

Las Huellas de Apolo

A Gerardo Mello Mourão

EL PASO NO, del dios, sino la huella
escrita entre las líneas de la piedra
verdinegra y porosa. Aún la hiedra
retiene las pisadas, aún destella

de su cuerpo el contorno sobre rojos
sanguíneos o vinosos: en los vasos
fragmentados, dispersos. No los pasos
del dios, sino las huellas, no los ojos:

la mirada. No el texto ni la trama
de la voz, sino el mar que los decanta.
En su tumba — las islas ideograma

de esta página móvil donde tanta
frase, no bien grabada, se derrama
sumergida, tu estatua ciega, canta.

SEVERO SARDUY

Paris, 20-1-76

GERARDO MELLO MOURÃO,
POETA DE TODO O CONTINENTE

Já se disse que todo poema real é, em si mesmo, um equívoco. E Rilke, não sem um travo de melancolia, anotou que a fama é a soma de todos os mal-entendidos. Mas, apesar de tudo, o poema é lido uma ou outra vez, ao longo do tempo e, freqüentemente, com leituras diferentes. Nada, porém, responde à pergunta: — como se lê um poema?

Este é o caso curioso do tríptico de Gerardo Mello Mourão: *O País dos Mourões*, *Peripécia de Gerardo e Rastro de Apolo*. Há uma leitura crítica, entregue à perspicácia de profissionais, pessoas habituadas ao trabalho de ler. Há uma leitura poética, há uma leitura de amador, a dos que têm o gosto desinteressado da leitura — e há também o olhar distraído em alguns leitores ocasionais.

A crítica tem recebido o tríptico de Gerardo Mello Mourão como expoente grande da poesia de língua portuguesa. Alguns poetas importantes saudaram o texto como um acontecimento e sabemos de pessoas, dentro e fora do Brasil, que dele conhecem fragmentos e os guardam de memória. Poderia pensar-se que a natural polissemia de todo real poema permite muitas razões de elogio, como no caso — ou de crítica. Mas vale a pena sublinhar que os elogios assinalam um conhecimento, ou melhor, uma revelação da força viva no nordeste do Brasil: a riqueza da língua aberta em todo o seu leque de possibilidades, a densidade cultural, a decisão nas idéias e, por último, o lirismo que invade todos os seus mananciais. Todos esses acessos existem — são — como assinala a crítica. Mas com acessos

poéticos que deveriam conduzir a medida do texto, ao rio íntimo do poema. Será que conduziram? Ao que parece — pelo menos até agora — isto não foi feito de forma cabal e desse modo, o tríptico, seja como for, ainda permanece ilegido.

Tratemos de aproximar-nos do dilema que se esconde sempre em todo verdadeiro poema. É possível pensar que o conhecimento histórico, psicológico, etc., do nordeste do Brasil seja também patrimônio de algum historiador ou ensaísta, pelo menos com a mesma intensidade com que o revela Gerardo Mello Mourão. Da mesma forma, um bom gramático — *Grammatikon* (a língua portuguesa pode pensar a linguagem numa riqueza pelo menos semelhante à do poeta: outras pessoas realmente cultas, com estudos humanísticos, formação poética moderna e leituras filosóficas poderão ter um nível pelo menos igual ao do autor do poema, inclusive a força de exposição de idéias pode equiparar-se à de um bom orador político).

Dizia Vico que a fina flor da cultura era levada a seu grau mais característico pela civilização refinada. E que era atributo desta civilização a paixão do tédio. No tédio se produz a maior distância entre fatos, coisas e pessoas. Uma geografia sutil, dolorosa e sedutora conclui por deixar afundar-se um mundo, paulatinamente, em sua própria névoa. Acrescenta Vico que, diante de tal momento histórico, em alguma parte — e ele pensava nos dórios bárbaros diante do requinte inaudito do cretense — outra cultura mais “incipiente”, ligada ainda às forças surdas da espécie, é capaz de abrir-se e, sob a admiração que lhe desperta a outra, ser capaz de reiniciar o testemunho.

O tríptico de Gerardo Mello Mourão se estende desde esse fosso — ou verdadeiro planeta — que o poeta desnuda e descobre em seus ancestrais e em suas terras lendárias, até o chamado, o clamor aos deuses gregos.

E já não é a presença física do deus, como foi na

antiguidade, nem tão pouco a presença da ausência, segundo Heidegger. É *o* rastro. A presença visível e tátil, não já de uma ausência, mas a de indicar-nos um deus nestes tempos, como um rastro. Senha, convite, caminho. E o poema se estende como uma verza peregrinação. Só com a devoção ao rastro ocidental de luz e liberdade, e assumindo-o com o que realmente temos — os americanos — de melhor: — o fruto bárbaro da empresa que abriu a terra em solo: somente assim, a América, ao assumir-se a si mesma, abre — ou abriria — mundo ao mundo.

O canto nos assinala a proeza de nos recuperar, como Anteu ao tocar a terra — a origem — e origem ocidental. É outro modo que não o de Heidegger. Não por um pensar a técnica, mas pelo rastro do rastro do pé divino. Selva, sertões, pampas e Grécia. E a pretensão implícita é assinalar a América e a nossa — tão maltratada — América Latina, como fundamento do mundo.

Lautréamont dizia que a poesia não se ocupava dos eventos históricos nem da política, porque ela é que produz a lei que permite a política e a história. Está posta em tela de juízo a América, tal como a América deveria interessar aos antropólogos, historiadores, sociólogos e políticos, para que façam uma revisão *de fond en comble* da orientação que têm perfilhado. Todos se enquadram sob uma latente ideologia econômica, seja a que se pretende social, de mercado, seja a que passa pela planificação, seja a que vai aos diversos marxismos.

Muito outra é a aventura que se inaugura nesta voz poética, que é “o digno de pensar-se”. Esta enumeração pretende indicar que não são essas as razões que fazem com que um texto seja poético. Nem sequer o fato de que um autor possa reunir todas essas qualidades, fazendo de um texto um poema. E embora seja uma tarefa impossível tratar de buscar uma retificação, indicaremos certos parâmetros do poema. A verificação é própria da ciência — objeto definido, método próprio. —

Pius Servien costumava dizer que a linguagem traduzível era a L.S.* e a linguagem inamovível, que não podia dizer de outro modo o que dizia, era a L.L.**

O poeta, em sua certeza interior, se apaga e busca como um cego, para lá dos prêmios e da fama, aquilo que sabe impossível: uma verificação.

Feita esta ressalva, digamos, para começo de conversa, que o tríptico põe em questão, radicalmente, a América inteira.

A configuração do poema flutua sobre um sopro incessante, constante. São as radicais bárbaras expostas num modo de ver a morte — herança, ultraje, vingança — e uma morte que se cobra no duelo ou no mero crime, e no sangue ou no sexo que supõe a paixão e o rapto. A partir dessas radicais “bárbaras”, há uma tensão e um clamor pelo retorno à fonte mesma do ocidente — supondo a vivência da ocidentalização originária do continente. E essa fonte é a Grécia, mais especificamente, a presença de Deus — e da luz — *intelligere* — e da liberdade — Apolo.

Pois bem: as características fundas e bárbaras que falam de uma relação com a terra, para constituir com a mesma carne humana, um solo, são as mesmas no Ceará, nos “llanos” e na selva da Venezuela, nas Patagônias e ali onde, nos Estados Unidos, essa batalha travada na rala densidade de nossa história abriu um campo ou uma “pátria”. Mas longe de uma reminiscência “folclórica”, longe de um retorno indigenista, longe de uma descrição melancólica de um mundo em desaparecimento ou de um grito de cólera que cubra o ressentimento contra o presente (as literaturas americanas em moda), Gerardo Mello Mourão lança a âncora na latitude simples e crua do sexo e da morte — os dois momentos que

* L.S. *Lingua científica*.

** *Lingua lírica*.

movem e manifestam a espécie em sua primogeneidade.

Para quem? Por quê?

Ouçamos um instante a Vico. O pensador napolitano assinalou nos ciclos históricos uma encruzilhada que nos iluminará as respostas.

Claro está que se o poema fosse poema pelo que acabamos de dizer, não seria necessário. Acontece que um poema é tal não apenas pelo que diz e como diz. É necessário construir com as palavras e o significado é só um dos dados da palavra: um objeto poético.

Gerardo Mello Mourão constrói com uma leveza incrível, como um engenheiro alado. Na transmutação do canto sobre a palavra, uma metáfora lúcida, um encadeamento de vogais, um cambiante de melodias e sucessivas transposições que vão quebrando os pés da língua. Eleva-se em palavra um registro do nascimento literariamente transcrito: uma crônica de jornal, a realidade de familiares, amigos e inimigos. Não é caleidoscópica a figura geral do poema, embora alguns assim o hajam pensado. Não se busca o efeito da multiplicidade pela multiplicidade em si. Tudo se liga à trajetória que está presente, inteira, em qualquer parte do poema — a responsabilidade bárbara e admirada diante do rastro do deus — de outro deus que é sempre o mesmo deus. Toda a cultura entra em campo. Não é Virgílio uma citação de Homero, e Dante uma citação de Virgílio? Até Santo Agostinho os textos eram impessoais: ninguém imaginava que não tinha que citar ou nomear o citado. Shakespeare é um bom exemplo. As expressões portuguesas mais refinadas se entrelaçam com as mais comuns e as formas vão desde os longos versos cadenciosos a formas populares do cancionero. A rima inter-vém como uma mudança de veículo e o poema se joga no difícil e estrito verso livre. O objeto poético assim construído denota esse vazio da *mise-en-question*, esse deixar suspensa a América diante de seu eventual destino. Denota o que indica graças à construção. Deixa de

lado as “poesias” panfletárias, as “poesias” de máximas, as teses, a necessidade de provar. Mas, também para nós, diante da necessidade de provar, se perde o rastro poético. O poema, finalmente, não deve provar nada. Seria necessário repetir, com relação a esse poema, o que dizia Heráclito sobre a Sibila: — ela não diz, indica. Efetivamente, nosso discurso sobre o poema é, por sua vez, uma pura encruzilhada, pois não podemos alcançar o que não é próprio de sua natureza. *Et pourtant...*

Godofredo Iommi, poeta, mestre de poesia e de poética, com imensa presença na Europa e na América. Seu nome está sempre incluído entre os maiores da língua espanhola e de nosso tempo.



Gerardo Mello Mourão sabe a língua como um ourives sabe o ouro. Por ela alcançou sua linguagem própria e única, que por ser absolutamente sua, é a linguagem de todas as nossas raças, de todos os nossos tempos, de todos os nossos espaços. De nosso amor e de nossa morte. Nesta linguagem — e a linguagem é o negócio do poeta — desce ao fundo da alma do ser humano, para arrancar a palavra, a mera palavra, como o mineiro que arranca das entranhas da terra a esmeralda viva. Há uma sintaxe lírica unindo cada palavra, cada sílaba. Os nomes das coisas não precisam nela de adjetivos nem de conjunções. Não sou um crítico. Mas tenho vivido com este poeta por mais de cinquenta anos. Ao anunciá-lo, quero também celebrá-lo...

E celebrá-lo é o mínimo. Mas é também o máximo que posso fazer. Já se disse que a poesia é uma celebração. É uma coisa dos deuses e dos anjos, dos santos que aprendi a celebrar nos terreiros e nas águas de Iemanjá. E o poeta nos celebra a todos, como nunca fomos celebrados neste país. Com seu sangue, sua lágrima, seus

ossos... Poeta e mestre da arte poética, como passo a dizer...

Abdias Nascimento, trecho de conferência lida em Buffalo.



Na ficção, o estilo é a maneira de escrever e a maneira de descrever, assim como a imaginação não consiste apenas em congeminar intrigas, mas também em perceber o que a realidade corriqueira tem de imaginoso (e até de imaginário). Gerardo Mello Mourão que, com *Piero della Francesca ou as Vizinhas Chilenas* (São Paulo, GRD, 1979), reconduz o conto brasileiro à categoria de criação intelectual (para além dos laboriosos exercícios de escrita ou da banalidade narrativa a que se reduziu nos anos mais recentes), oferece, a esse propósito, uma demonstração quase didática... Ele alcança sem dificuldade o plano da grande prosa de ficção com os contos agora reunidos em volume.

É, acima de tudo, um livro em que a língua se mostra em todas as suas virtualidades expressivas e elegância de elocução. Estes contos interessam pelo prazer da leitura, propõem o idioma enquanto som e sentido, fluência e ritmo. É o espírito da língua que constrói as suas frases, mais do que a língua propriamente dita: Gerardo Mello Mourão, como todo grande escritor, prova que a língua literária *não* é instrumento de comunicação, ao contrário do que sustentam muitos teóricos prestigiosos; a literatura não “comunica” coisa alguma, salvo a sua própria literariedade, assim como o texto não é signo de nada. O texto é signo de si mesmo, o que prova a natureza elipsística de tantas doutrinas tão fantasiosas quanto ambiciosas. Nesse particular, surpreende pouco que o estilo de Gerardo Mello Mourão ressoe com a sonoridade peculiar de escritores, como Eça de Queiroz, que, de fato, fizeram da língua um instrumento de ex-

pressão literária e não um "código" referente cuja chave devemos buscar nos dicionários ou em ilações imaginárias:

... e ainda hoje lhe sou grato pela aprazível casa à beira-mar onde, por duas semanas inesquecíveis, a bela venezuelana me servia deliciosamente, nas frias noites de Punta Arenas, preparados com igual habilidade, o amor e o chá.

Ou ainda:

Aderido a seus propósitos (Dom Domingo) já tinha as passagens compradas e os planos feitos, e chegava a imaginar a hora em que chamaria dois carabineiros para prenderem o indivíduo que Lola Sales lhe apontaria no fundo de um bar, com o dedo implacável:

É aquele!

("O coronel paraguaio", um dos contos mais fortes da coletânea).

Por sua maneira dúplice, a língua integra o texto na literatura, enquanto forma de expressão, função paralela, simétrica e complementar à dos personagens e da intriga, que incorporam a literatura na vida e a vida na literatura. Nos contos de Gerardo Mello Mourão, os efeitos de verossimilhança multiplicam-se pelo aproveitamento inesperado de elementos autobiográficos e de personagens do mundo exterior na trama da ficção; o real e o fictício intercambiam as respectivas virtualidades, o que permite tratar Winston Churchill, por exemplo, como figura imaginária, e, como figuras históricas, os tipos puramente inventados (como o é, pelo menos em parte, o narrador). Sem abandonar, nas oito primeiras histórias, o surrealismo narrativo, o autor passa gradualmente para o conto realista, segundo o modelo de Maupassant, muitos deles de fundo político (não necessariamente partidário ou ideológico). É, para o meu gosto, a melhor parte do volume ("A morte do

prefeito boliviano", "As quatro ou cinco mortes de D. Nicanor" e o já citado "O coronel paraguaio", entre outros; no que dá título à coletânea, essa linha e a do lirismo romântico se conjugam harmoniosamente, embora com algum artifício).

No conjunto, Gerardo Mello Mourão restitui o conto brasileiro à definição aristotélica tradicional, isto é, uma história com começo, meio e fim".

Wilson Martins, "Jornal do Brasil", 24-11-1979, transformado em "Renovação do Conto", capítulo do livro *Pontos de Vista (Crítica literária)*, T. A. Queiroz Editor, São Paulo. 1995.



"Gerardo — um poeta gigantesco. O nosso Dante."

Um dos silêncios mais feios e mais vís da nossa vida literária é o que se faz contra Gerardo Mello Mourão. Foi mais ou menos isso que me disse, ainda ontem, o meu amigo Hélio Pellegrino. Fui visitá-lo e ele me recebeu assim: — "Nelson, descobri um poeta gigantesco (...). Estamos fartos dos livros bem feitos, dos livros interessantes(...). Mas queremos de qualquer leitura um resultado vital." E se o Hélio Pellegrino descobriu um "poeta gigantesco", eu, antes de conhecer-lhe o nome, caí em transe ou, como se diz em teatro, em "tensão dionisiaca."

Minha primeira pergunta foi esta: — "Brasileiro?" E o amigo: — "Mais brasileiro do que eu, mais brasileiro do que você". Nova pergunta: — "Quem?" Veio o nome por extenso, como num cartão de visita: — "Gerardo Mello Mourão". Era um dos raros autores vitais do Brasil. Ainda insinuo a dúvida: — "Tanto assim?" E o Hélio: — "É o nosso Dante". Mais uma vez, eu verificava como é anti-brasileiro o seu dom de admirar nato. Pude o Hélio e só viveria entre coisas admiráveis...

Gerardo Mello Mourão não era um nome desconhecido para mim. Certa vez, Abdias Nascimento me falava de seus poemas: — “Você precisa ler. Poeta formidável”... Mas eis o que eu perguntava ao Hélio Pellegrino e ele a mim: — “Por que não se fala em Gerardo Mello Mourão?...”

Nelson Rodrigues, in “O Globo”, 5-2-1969.



RASTRO DE APOLO

Apolo, a grande divindade solar “de cabelos loura e radiante beleza”, o deus dos oráculos e da arte, da poesia e da música, da medicina e da dança, era, essencialmente, um deus “insaciado de hinos”. E, parece, ainda o é, atendendo a essa necessidade de cantar em seu louvor que o nosso grande poeta Gerardo Mello Mourão lhe tece nesse hino admirável que é *Rastro de Apolo* (Edições GRD). Deus que o fosse, não quereria mais belo e mais entusiasmado. Trata-se, na verdade, do terceiro volume de um ciclo brilhantemente iniciado com *O País dos Mourões* e continuado na mesma altura poética com *Peripécia de Gerardo*, a que Gerardo Mello Mourão deu o título geral de *Os Peãs (OI PAIANES)*. Ciclo longo e belíssimo, ciclo de que agora chegamos ao fim com esse admirável *Rastro de Apolo* — a meu ver uma das obras maiores de nosso planisfério poético. E, sem dúvida, talvez o ponto mais alto da nossa produção lírica, desse nosso mais do que alto e grande ano poético de 1977.

Celebra Gerardo Mello Mourão o deus supremo, Apolo, a própria imagem de Zeus, Apolo, o deus que ele nos confessa que o gerou ele próprio. E que é cultuado, acima de tudo, por quem se sente uma encarnação, um filho, um irmão: Gerardo Apolo. Pelo mundo viveu

Gerardo, o nosso nômade, o nosso crente, e por toda parte encontrou traços seguros (...) o "Rastro de Apolo" pelo mundo inteiro. Desde seu terreno natal, pelo sertão deste nosso Brasil adiante, até bem longe, por toda parte ouviu a mesma loa, o mesmo grito, o mesmo apelo,

*"pois, mordi, Apolo, a fruta de teu nome
e conheci o sal e o mel e o vinagre e a pimenta
da palavra — o sangue
dos seres e das coisas e seu vinho e sou
o bêbado dos abismos onde
veraneio os meses entre
demônios cartomantes".*

E eis que o "bêbado dos abismos" perambula pelo mundo: Nova Iorque, Delos, Tegucigalpa, Bogotá, Santa Cruz de la Sierra, cantando e procurando Apolo e seu rastro através todas as suas manifestações humanas, desde os mais velhos templos até as suas mais recentes manifestações, quase que de joelhos e em transe e pânico, entoando seu hino e recitando sua prece íntima:

*"e arrastando-me na areia
arrasto um deus pelos cabelos e interpelo
Apolo, Apolo mostra
ao cego iluminado onde
o passado começa e o futuro termina
pois
o mísero poeta prisioneiro
nem de seu passado nem de seu futuro se liberta
e em vão
vê o cesto das horas
encher-se em vão da água de seus dias".*

São versos inegavelmente notáveis, raros. E mais do que elogiá-los, me parece justo aqui reproduzi-los, como quando Gerardo Mello Mourão, falando da herança

grega, apolínea, nos diz magnificamente: "Não, Danai, não nos deixaram nada / deram todas as formas à greda e ao mármore e ao ouro e ao bronze / deram todos os nomes às constelações / todas as linhas à pura geometria — todos / os logaritmos à álgebra das horas — todas / as melodias à flauta eólia / e o dáctilo o iâmbico o espondeu / todos os ritmos ao pentâmetro dos pés / a lira a tua lira, Apolo / governava os passos / e de Terpsícore e das outras: / não nos deixaram nada e cheios / de sua glória / nos deixaram tudo — / a graça de celebrar: / pois celebro teu rito e teu mistério / a oliva o mirto o louro o plátano: / e a coluna do templo hoje sustenta apenas / o azul do céu e o tempo — e o tempo / a transformou numa bandeja de pedra / e sobre ela arrulham os pombos / e se oferecem ao sacrifício: / e sacrifico os pombos e a olivas / pois limpas tenho as mãos / não caiu sobre elas a lágrima dos aflitos / não se salgou o suor dos pastores e dos lavradores / não as tingiu o sangue / dos açoitados e dos torturados / limpas tenho as mãos — com o ramo / de mangerona os perfumou / em seu silvestre jardim Atena Pronaia / limpas tenho as mãos do sangue dos justos e do dinheiro dos pobres".

Grande, imenso Gerardo Mello Mourão que, depois das obras tão notáveis, como *O Valete de Espadas*, entre tantas outras, nos oferece, como coroamento da contribuição poética de 77, esse portentoso *Rastro de Apolo*.

Octávio de Faria, 18-1-83



É um novo Álvares de Azevedo.

Tristão de Athayde, sobre *Cabo das Tormentas*.



Poeta autêntico — de quantas coisas invisíveis os seus poemas me deram conhecimento.

Augusto Frederico Schmidt.



É infinitamente mais incrível que qualquer coisa que Kafka ou Beckett hajam contado. Ao lado deles, este poeta brasileiro aparece como um "virtuoso": veste-se às vezes de estrangeiro, às vezes de poeta maldito, de monge, de aventureiro. Domina a sua arte, traz um alto fulgor às suas reminiscências, lírico, irônico, patético, até onde se poderia imaginar, e sempre inteligente: conhece todas as experiências.

Urs Jenny, "Die Weltwoche", Zurich, Suíça e "Die Welt", Alemanha.



O PAÍS DOS MOURÕES

A operação humana, nada mais que humana, de converter o conteúdo psíquico em plenitude, sejam os fantasmas do sonho, sejam os duendes da reminiscência, até uma forma objetivada na expressão (ou *espressione*, como queria Croce, ou também *Gestaltung*, que alude com maior precisão à imagem que nasce), parece haver sido uma continuidade da poesia que tem origem na viagem de Ulisses ao Hades, e que alcança, no orfismo, categoria do sagrado.

Este trânsito ao reino noturno dos que não são, uma e muitas vezes foi empreendido. No rastro de Odisseu foi Enéas. E que outra coisa é a *Divina Commedia* senão o êxtase, a violação das dimensões naturais do próprio ser e da própria natureza, na descida ao frio e ao fogo do eterno? Dom Quixote, também, como Ulisses, Enéas e o Florentino, ouviu, com os sentidos do corpo e da alma, a memória tornada viva e presente dos que foram, no fundo da Cueva de Montesinos. Francisco de Que-

vedo, em um de seus graves *Sueños*, contempla a dança grotesca e diabólica das almas mortas na alma, na procura dos ossos próprios, da carne própria, ossos e carne dispersados pelo pecado, mas necessários para a presença na última chamada.

Esse orfismo como forma de descenso infernal, forma na qual se insere em todas as dimensões *O País dos Mourões*, com o signo cristão, tem um novo antecedente e um novo patrocínio: o poema apocalíptico de João. Seremos chamados, poderosamente, à direita e à esquerda, e veremos — ou não veremos — o sagrado na glória e na majestade. Em Dante, em Cervantes e em Quevedo, através do Apocalipse, a revelação poética da experiência do sagrado supõe uma vida purgativa alegoricamente expressada.

Quisera eu embrenhar-me pela floresta alegórica de *O País dos Mourões*, para saber, à maneira de Godo, *quando el aire débil hace una figura*, ou *en que momento los sonidos impares acechan* e porque *no llegaron a las sílabas sus nombres muertos*. Mas antes que a redução esquemático-significativa encontre necessário, através da estilística da fala e da linguagem, desatar o estilo individual e os elementos afetivos, originados da reminiscência viva, que se incorporam à linguagem e, pela expressão, se tornam formas objetivadas.

Toda poética se tece nos elementos misteriosos — fonéticos, luminosos, cromáticos — de uma língua. Vejo que é necessário harmonizar a afirmativa precedente com a poética de Gerardo, para não ofuscar sua valiosa significação estilística, na conformidade de uma trivial paráfrase. E para que paráfrase, se o pensar e o dizer subjetivo de Gerardo, neste trânsito infernal, sobre homens e coisas que foram, está despojado de correções lógicas; causa e efeito se separam, se invertem, ou, simplesmente, se fundem, pela impressão sensorial na lírica do objeto? A alusão à lírica, expressão íntima e estilisticamente individual, pareceria uma negação do

objeto. Em *O País dos Mourões*, como já foi no opulento *Cabo das Tormentas*, as propriedades reais dos objetos, sensorialmente, não são consideradas. A força formal da língua, língua que se enriquece, língua que absorve e assimila o patinado cromatismo contido em crônicas e cartas dos Mourões, datadas de um século, mas com o sabor e o saber de centúrias passadas, conservadas no quietismo provincial, cria, não uma aparência de realidade, mas, fecunda, até à pura objetividade, a realidade que aparece. Como na poemática da série órfica, como aquela do signo apocalíptico, as sombras de *Alexandre e de Úrsula*, de *Hermenegildo e Raimundo*, *Manuel*, *Tobias*, *Missant* e tantos outros da *Canabrava dos Mourões*, foram caindo todos, à esquerda e à direita. Sem embargo, a lógica estrutural da poesia, vivência original, como quer Dilthey, faz com que os caídos à esquerda e à direita, vigorosamente caídos e pateticamente erguidos depois, desfilem em suas chagas e suas almas ao compasso gerado no não-ar e na não-luz, pela flauta que diz: “e meus olhos/ assíduos a defuntos como a vivos/ começam a apalpar-vos: quem será testemunha senão vós/ de partida e chegada?(...) e que é meu rosto senão/ a beleza que o amor talhara nalguns olhos?(...) é sobre a terra de meu pai que me levanto agora (...) e a tantos (...) eu os chamo e suplico: /e altar e coro se incorporem/ e assim/ eu sou (...) No continente de vivos e de mortos, desde *pássaramagda*, *pássaralena*, *pássaraléa*, com o sangue inventado por um distraído querubim (cherúbrica scienza e seráfico amore) navegarão entre brisa e brisa, em barco de silêncio.

Atormenta-me esta tentação de paráfrase para o rumor da flauta de um menestrel do Hades. Quero e volto a ela, a busca estilística. Como se escrevesse páginas de diário, na leitura. E não será esta a verdadeira aproximação com a poesia, guiado pela ondulante situação do ânimo? A lingüística moderna fala de representação verbal impressionista quando o fenômeno, aparição no sentido lato, se dá sem antecedente nem

conseqüente, como fato simples e isolado. Obra e criador se fundem para a visão, em cada perspectiva. Por um ato de estilo, a representação se inverte, se obscurece, se desobriga da sucessão temporal e é como um brilhante de mil facetas quebrando a luz mesma que o asseteia. Em Gerardo, esse ato de estilo, ou vontade estilística, não é unívoco; multiplica-se na significação e no cromatismo, no conteúdo e na pura nominação. Impressionista, serve-se de expressões existentes, do popular oitocentista de crônicas e cartas, da sensualidade espontânea de uma voz popular, da gravidade apagada de um documento público, jogando com suas variedades semânticas. Mas, com uma fidelidade íntima ao espírito indo-europeu da língua própria, acentua o voluntarismo do *ego*, eu sou, agente do vigoroso transmutar-se dos que caíram e, pateticamente, estão erguidos ao sopro da flauta órfica. A vivência original vivificante, seja expressada em símbolo ou alegoria, é um ato poético pela via da linguagem, voluntário e criador, criador da realidade que aparece e não da aparência da realidade. Para que exemplos? Quem busca, encontra a estilização de formas verbais preexistentes, cunhadas no tempo, ou formas espirituais de linguagem — convergentes experiência, razão e memória — que corporificam as sombras e dão voz ao que já não é, por vias intuitivas que não aquelas objetivadas na língua quotidiana da fala.

Que via é esta, que não objetiva espiritualmente, pelas vias conhecidas? Ocorre-me, de súbito, uma busca topológica no território de áspera superfície da alegoria. Por que a experiência do sagrado? Por que a experiência poética, helenicamente, testamentariamente, em alegorias? O não-sensível — o sobrenatural — transcendia a um símile, externamente perceptível, debilmente reflexivo. Mais topologia: a metáfora nos diz uma coisa por outra, apenas como alusão: pelo símbolo, tudo é espírito no fazer telúrico, ou as coisas, nascidas da terra, se

elevam à representação da espiritualidade. Tipificamos — e sigo em parte o raciocínio de Eliseu Richter como meio com outra meta — idéia das coisas (platonismo) não contemplada na realidade. O caminho se bifurca e vamos à meta com o pensamento na origem — a alegoria. A escritura primeira, aquela que sabemos que tem mais de cinqüenta séculos, foi figura de imagens de coisas visíveis para o olho físico: os egípcios, em formidável abstração, transformaram a escritura em representação das imagens dos sons e ali se deteve o espírito. Os chineses, desde tempo venerável, utilizam signos das palavras. Nosso Ocidente, contado desde as helênicas idades, introduziu, para sempre, na escritura, o signo dos sons. Terá havido um empobrecimento do espírito neste trânsito de imagens, do concreto, da coisa, até a pura figura do abstrato — som? Antigos antiquíssimos e egípcios e chineses, que ficaram e figuras, em imagens de sons e palavras, terão sido menos, espiritualmente, que os helenos e os seguintes, forjadores da representação invisível por signos fonéticos elementais? Dir-se-ia que neste trânsito, fixado topologicamente, está o segredo da criação poética, uma vez símile do sobrenatural e agora objetiva criação espiritual do objeto. Reside aqui o primeiro grau para a percepção poética. A poesia — *O País dos Mourões* — o faz em grau eminente. Transita por esses modos de representação todos: é imagem verdadeira do que vemos, imagem que cresce a nossos olhos do corpo com a pura enunciação verbal, sem que ouçamos o rumor de contextura fonética: é também imagem pitagoricamente mensurável de essências rítmicas não mensuráveis pela pura lógica estrutural da significação. É a pura palavra como canto, canto que se manifestou depois do nascimento das musas e que eliminou a memória da vida e da morte na raça das cícadas ébrias, sem pausa, possuídas pelo dom divino da palavra cadenciada.

Importará se sujeito e predicado se identificam pelo

é, misterioso em sua estrutura em todas as línguas, misterioso por sua função ontológica ou mais ainda, quando desaparece como expressão idiomática concreta em certas línguas, desaparecimento estranho, para nosso falar indo-europeu, necessitado da cúpula do juízo?

É um teólogo — Gottlieb Soenhgen — quem se pergunta, em um pensar da teologia do caminho, sobre a escritura e a cópula lógica. A criação poética supera essa aporia lingüística. Disse que é imagem, puro som, palavra cadenciada. Outra coisa sua lógica estrutural: desde a vivência cria, a cada momento, sua técnica e sua forma, tecida, sim, nos elementos da língua própria, língua comunal, língua saturada de história e que, produto cultural, é também portadora de sentido. Melhor, sua consistência íntima tem sentido e significados que se sobrepõem, condicionam ou dirigem a fantasia, a imaginação e a criação.

Não é crítica — distinção — nem paráfrase, nem elucidação, meu ensaio sobre Gerardo. São — já o declarei — como páginas de diário de um leitor moroso, com os dias fundidos pela mesma unidade temática, que foi lendo outras coisas, não paralelamente, mas conduzido por uma necessidade implícita de esclarecimento, na claridade ofuscante do poema. Quase nada falo do poema dos Mourões. E para que, se ele está em seu trânsito sobrenatural, como nostálgico, ou doutrinariamente nostálgico, convocando com sopro de flautas as sombras dos que, caídos à esquerda e à direita, na morte e na vida da morte, se hipostasiam mais na linguagem que na pessoa, mais no último descendente que, com Elbehnnon, refugiado noturnamente no herdado castelo, convoca os de sua linhagem para a última jogada, para a parada heróica no fenecimento.

A tentação esclarecedora se repete quando, precisamente, através da imagem, da alegoria, do símbolo, veremos que a poética — e não a poesia — de Gerardo,

reconstrói aquele trânsito da imagem às coisas: *"de tuas mãos, amor, recebo o novelo de fogo/ da linha do Equador (...) hoje, Abdias, a noite quer tarefa de morenas/ e amanhã/ voltaremos à ruiva de outro dia/ vem, formosa mulher, camélia pálida"* (...) Só a imagem por sons, na realidade que aparece — e não na aparência da realidade — *o lírio que em teus olhos pálpebras / apascentam de pétalas no claustro.*

É um diário (insisto em que se trata de um itinerário quotidiano sobre a poesia de Gerardo) que se prolonga perigosamente por explicações, necessárias talvez, para uma cordura que está muito longe da poesia. Por que, por exemplo, não pesquisar pausadamente uma sistemática montagem de andaimes de teologia (montagem que foi o tomismo para o Dante), que explique esse purgatório, não já do pecador, mas de outro pecador, que alguma vez recebia a chuva de ouro da graça, afastou-se e só a ela voltará quando, por amor, outra alma seja pelo sortilégio do sopro de sua flauta, na estrada, sinuosa na visão e reta no andar, onde chovem o ouro e a graça. Também não foi em vão que a leitura quotidiana me levara a pensar na sintaxe, no mistério ontogênico da expressão copulativa, ontogênico sempre, identificador no juízo da polaridade sujeito-predicado. (E por que não objeto-sujeito, ou alternativamente?

Torno à poética — e não à poesia — de Gerardo, para pensar que é, precisamente, uma poética do caminho, caminho não traçado como procissão alegórico-simbólica, porém mais fundo: — é meta, é direção, é força inicial da flecha rumo ao alvo. Chega? A poesia será testemunho.

(...)

Gerardo Mello Mourão encerra neste *Rastro de Apolo* a trilogia iniciada com *O País dos Mourões*, seguido de *Peripécia de Gerardo*, compondo o grande poema *fleuve*

a que o poeta denominou de OI PAIANES — *Os Peãs* — como consta na capa das edições publicadas. Já no aparecimento de *O País dos Mourões*, a melhor crítica do país situou o poeta entre os maiores de nossa língua e de nosso tempo. Desde o primeiro volume, Octavio de Faria apontava a espantosa obra poética iniciada com a cosmogonia que é a fundação dos homens, dos seres e das coisas em *O País dos Mourões*, como uma das poucas obras “únicas” em nossa literatura, na linhagem de grandeza e unidade da *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima.

No segundo volume, *Peripécia de Gerardo*, tomando como um palimpsesto o Diário de Navegação de Pero Lopes de Sousa, o poeta canta a navegação de sua própria peripécia, usada a palavra em seu sentido grego, na comovida viagem do ser humano através da existência em busca da liberdade — Eleutheria — a musa presente em todos os cantos, testemunha e guia de todos os seus passos. A busca da liberdade é a própria peripécia de Gerardo, para quem a busca da Musa é talvez mais importante do que seu encontro. É a essa busca que se dá continuidade no *Rastro de Apolo*, que, sendo embora o deus das lonjuras, foi o primeiro a ouvir a súplica dos homens. Foi o deus dialético que inventou a liberdade helênica, a democracia e a vigência do tempo mítico, do tempo divino, no tempo histórico de Delfos, onde se situou, por isto mesmo, o umbigo do mundo.

A busca de Apolo é o objeto deste livro e em seu rastro se perde e se acha o poeta, numa fidelidade que move até mesmo suas vigências existenciais, numa incessante peregrinação pelos lugares do mundo. Assim é que o rastro do Deus o leva de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, de país em país, pelos caminhos do planeta, do sertão do Nordeste brasileiro às serras da Dácia e da Trácia, percorrendo nos montes sagrados da Grécia o roteiro de Apolo, até chegar a Delfos, na solidão

misteriosa de cujo templo, em dias e noites de ternura e terror, escreveu os primeiros versos e o último canto deste livro. Os demais cantos vieram no curso da longa romaria, em que o rastro de Apolo se imprime em todo chão de mito e de beleza: no pobre povoado da Paraíba, onde as pessoas são contemporâneas da idade mítica, no vale do Saint Laurent, em Montréal, na Rumânia, na Bélgica, na Bulgária, em Lisboa, no delírio sarduiano do travesti de Amsterdam, e de Nova York, no chão de Troia, de Istambul, de Conceição do Mato Dentro, de Buenos Aires, de Tegucigalpa, das Alagoas, de São Paulo, de Porto Alegre, de Curitiba ou Luxemburgo, Teresina, Paris ou Belgrado, em Viña del Mar, em Fortaleza e em toda parte. No meio de seu canto forte, com aqueles recursos de linguagem que ninguém antes dele conseguira em nossa língua, segundo Carlos Drummond de Andrade, o poeta volta, com a mais doce ingenuidade nativa de cearense do pé-da-serra da Ibiapaba, às raízes da poesia popular brasileira, nas sextilhas de cantador em que, violeiro do Ceará (e do cancionero galaico-português, vide Dom Diniz), ali situa o país do sol dos Hiperbóreos, terra do Deus. E canta a vida e os feitos de Apolo, em cujo rastro encontra a liberdade e o amor — únicas razões do existir, e que talvez não sejam, para o alcance de nossos desejos, mais do que um rastro. Como o próprio Apolo. Mas já seria o bastante. O mais que podemos no pobre mundo histórico.

Efraín Tomás Bó, ensaio sobre a trilogia *Os Peãs*.



Estamos diante de experiência até certo ponto inédita na história da poesia brasileira.

Rolmes Barbosa



A INVENÇÃO DO SABER

Num "Programa" onde buscava traduzir em termos de ação política o significado básico do conflito artista x burguês, Kenneth Burke propunha àquele, como lema: "Em Roma, faça como os gregos, na Europa, faça como os chineses". Por outras palavras: o papel do artista e do escritor moderno seria não corroborar os valores pragmáticos e imediatistas da sociedade em que vive — a sociedade industrial —, mas antes enfatizar valores opostos, não-pragmáticos e não-imediatistas, a fim de restaurar o equilíbrio. Publicado embora há cerca de 50 anos, o "Programa" de Burke, que consta em *Counter-Statement*, seu livro de estréia, não perdeu a validade nos dias que correm. Pelo contrário: a exacerbação do imediato e do pragmático em nossa sociedade de consumo só serviu para torná-lo ainda mais válido.

Se bem que fundamentados numa outra óptica e numa outra estratégia intelectual, os ensaios de Gerardo Mello Mourão reunidos em *A Invenção do Saber* têm em comum com o velho mas atual programa de Burke, quando mais não fosse, a mais peremptória recusa de endossar a idolatria tecnológica do mundo de hoje, o seu culto da especialização, assim como o mesmo peremptório empenho de contrapor-lhe a cultura dita humanística, tão desprestigiada agora, mesmo por aqueles a quem cumpriria defendê-la. Esse volume recém-lançado pela Paz e Terra (*a 2.ª edição é da Ed. Itatiaia*) inclui, a par do texto de aulas proferidas em universidades brasileiras e estrangeiras, perto de 30 artigos originariamente publicados na imprensa. Tal marca de origem se trai, positivamente, na fluência de sua linguagem, sem prejuízo da profundidade e abrangência das idéias nelas debatidas, nem da qualidade literária a que um

debate dessa natureza obriga. Reconforta saber que um jornal de grande tiragem houvesse publicado regularmente, anos a fio, artigos desse nível cultural, numa época em que a imprensa parece cada vez mais preocupada em trocar tudo em miúdos de tão ínfimo valor, que já nada mais se exige da inteligência do leitor a não ser a passividade.

Conforme está declarado na nota de abertura d' *A Invenção do Saber*, este se propõe antes a ser "um convite ao pensamento", e, portanto, uma incitação ao leitor para que passe a refletir sobre o que lê, em vez de deixar-se saturar passivamente por uma massa de informações irrelevantes. É ampla e variada a gama de assuntos versados nos breves ensaios de Gerardo Mello Mourão. De acordo com suas afinidades temáticas, estão eles agrupados em seis partes. O ensaio com que se inicia a primeira e que dá nome ao volume compendia-lhe a tônica de conceituar o saber como a via pela qual "o homem toma consciência de si mesmo" e "se distingue como uma presença autônoma e livre". Esse saber como autodescoberta do ser no mundo nada tem que ver, evidentemente, com o saber dos especialistas, dos que sabem cada vez mais sobre cada vez menos (no dizer de Ortega y Gasset tão bem lembrado pelo ensaísta), nem tampouco com "a superstição do imediatismo pragmatista" a que Gerardo Mello Mourão, poeta ele próprio, antepõe o saber dos poetas e filósofos, gente que, dedicando-se a "coisas sem mercado de trabalho", fornece, entretanto, aos homens as razões de que eles carecem para viver e não apenas sobreviver.

Outro estimulante ensaio dessa primeira parte de *A Invenção do Saber* chama-se "A Geopoética de Euclides", e nele a "visão cósmica" do rapsodo de *Os Serões* é contrastada a dado momento "com certa pobre especulação geopolítica" voltada mais para a conquista do poder que do saber. Aliás, os textos coligidos na segunda parte do livro de Gerardo Mello Mourão tra-

tam sobretudo do descompasso entre saber e poder, inclusive no Brasil pós-64, onde o que o ensaísta rotula de "governo ideológico", na sua pretensão de detentor exclusivo de todas as verdades, "a verdade cívica, a verdade econômica e até a verdade religiosa", esqueceu — ou melhor, jamais chegaria a aprender — a mais importante lição de Maquiavel, qual seja a fecunda "lição da dúvida" no trato da "coisa política".

A terceira secção de *A Invenção do Saber* estende a temas de maior amplitude a linha básica de considerações das secções anteriores, temas como o contraste entre Oriente e Ocidente, ou a decadência da civilização ocidental, ainda que essa palavra tão cara a Spengler não tenha, para o autor, significado negativo: "Aí está a história do pensamento humano para documentar a fecundidade da inteligência e do espírito, das letras e das artes à doce luz crepuscular dos chamados períodos de decadência". Diga-se, de passagem, que Spengler, Nietzsche, Max Scheler, Jaeger, Léon Bloy, Péguy, Julien Benda, tanto quanto os clássicos por ele amiúde citados, parecem ser autores fora de moda, e ao trazê-los de novo à baila Gerardo Mello Mourão deixa implicitamente manifesto o seu desamor aos modismos, ao mesmo tempo em que dá testemunho de sua cultura humanística, iniciada em bancos de seminário, quando ali se ministrava ainda, com inigualado zelo, o grego e o latim. Mas a despreocupação com as modas não quer dizer esteja ele desatualizado em matéria de informação cultural. Sirva de prova em contrário, entre outros, o belo texto escrito por ocasião do sexto aniversário da morte de Ezra Pound, recolhido na quarta parte do volume (juntamente com escritos *in memoriam* de Efraín Tomás Bó, Guerreiro Ramos, Octavio de Faria, Camões, Eduardo Frei e da última imperatriz da China), no qual se revela a sua grande intimidade com a obra daquele a quem considera "um marco, como Homero ou Dante, na história da poesia", e acerca de cuja "peripécia polí-

tica" aduz uma série de reparos tão bem documentados quanto oportunos.

Na penúltima parte de *A Invenção do Saber*, significativamente intitulada "Jacó e o Anjo" — o mesmo motivo bíblico escolhido por Unamuno para emblematizar a inquietude de seu cristianismo agônico, adjetivo este cujo étimo grego, convém lembrar, está nucleado em *agón* — "luta" —, Gerardo Mello Mourão versa temas e personalidades vinculados de perto à sua fé religiosa e em que esta transparece mais como busca combativa do que como letárgica conformidade. Daí que ao focalizar o mito da morte de Deus, não esqueça ele de apontar-lhe as implicações mais atuais: *"Diante da impiedade dos homens com seus próprios semelhantes, dos indivíduos e dos Estados que se fazem cada dia mais ricos para que os outros se tornem cada dia mais pobres; diante da opressão, da repressão, da tortura, da decretação da morte física ou moral de milhões de pessoas, em nome da força, das razões de Estado, da cupidez, da plutocracia, parece que estamos chegando à era do nada, da abominação de que falam os profetas do Velho Testamento. Os filhos de Deus parecem abandonados à orfandade. Parece que não têm mais pai. Parece que o Pai está morto, e, assim como aos filhos dos aztecas diante das escopetas de Cortez, já não lhes resta outra coisa senão morrer também"*. Daí outrossim que, ao estudar figuras como Gustavo Corção, Tristão de Athayde e D. Helder Câmara, cuide o ensaísta de ressaltar-lhes a componente polêmica, que os acabaria levando a posições confinantes, desde logo discerníveis na antítese "política" entre o primeiro e os outros dois.

A secção final de *A Invenção do Saber* recolhe quatro artigos de apreciação de livros publicados nestes últimos anos. Entre eles, uma douda resenha da tradução portuguesa do *Livro dos Cantares*, de Confúcio. Pena que não tivesse sido incluída nesta parte da instigante coletânea de ensaios de Gerardo Mello Mourão, tanto quanto sei, o primeiro poeta brasileiro a ter acesso direto à atual literatura grega e a por ela interessar-se, já que,

além do grego antigo, domina o grego moderno — o artigo que escreveu quando da atribuição do prêmio Nobel a Odysseus Elytis. Pena ainda (e *pro domo*, este obscuro resenhador se apressa a confessar que não partilha a indiferença do autor de *A Invenção do Saber* pelas “notas dos resenhadores, boas ou más”) deixar de ali ter sido transcrito o artigo com que ele distinguiu a tradução brasileira dos poemas de Konstantinos Kavafis e em que teve ocasião de fazer, a respeito da poesia neohelênica, algumas observações que, nem por breves, são menos iluminadoras e originais.

José Paulo Paes, “O Estado de S. Paulo”.



Não é sem razão que certos admiradores do autor vêem na sua obra uma afirmação viva de autonomia da cultura brasileira. Somente uma nação já em maioria intelectual poderia produzir um poeta dessa grandeza e força.

Vitto Santos



O País dos Mourões representa a mais densa, a mais duradoura e, por isto mesmo, a mais universal das contribuições do Nordeste à nossa literatura. Na pureza de sua linguagem poética, verdadeira expressão do conhecimento mágico, joga-se um jogo de realidades interespaciais e intertemporais em que o épico, como nos versos tirados às memórias de Alexandre Mourão, ou o lírico, como nas invocações à Musa, fornecem ou escamoteiam o objeto como uma verdade a que o discurso lógico nunca teria acesso. Estamos, pois, diante de um poeta cuja obra é tão rara, tão autêntica e tão marcada

como suas ásperas raízes no país dos Mourões e como a espantosa trajetória de sua residência na terra, uma existência pungida de rica e patética aventura e de enfurecida beleza humana.

Augusto Frederico Schmidt

Aqui, verdadeiramente, estamos diante de um mundo órfico, poderoso — mundo em que todos os seres se originam do ventre da mulher amada, e a mulher amada congrega todos os seres à sua volta, graças justamente, à força do amor depositado pelo poeta no ventre da mulher amada. O lírico de *O País dos Mourões* funda-se, então, sobre a essência do amor, amor fonte de todas as coisas, força transfiguradora que tudo carrega, poeta, seres e coisas, no seu caminho inexorável para a morte".

Carlos Felipe Moisés, "O Estado de S. Paulo".

Sua importância na literatura brasileira hoje é enorme.

Antônio Olinto, "O Globo", Rio de Janeiro.

Os recursos imaginativos e de estilo desse escritor brasileiro são ilimitados.

Claude Couffon, "Les Lettres Françaises", Paris, sobre a edição francesa de *O Valete de Espadas*, *Le Valet de Piques*, Gallimard.

Não é de se ler às pressas, com vontade de chegar logo ao fim, o grande poema que Gerardo Mello Mourão acaba de publicar — *O País dos Mourões* —, parte inicial de uma trilogia a que o autor deu o título de *Os Peãs*, e que representa uma espécie de epopéia, como ainda não havia sido tentada na literatura brasileira (só Jorge de Lima se aventurou um dia a coisa semelhante, com *Invenção de Orfeu*, com os sinais de toda a sua grandeza). Pois Gerardo Mello Mourão se lançou ao canto largo para lançar a trajetória de sua gente (a maior árvore tribal da região), a saga espantosa dos Mourões do Ceará, o ABC de um clã que, desde suas raízes, sempre amou desesperadamente a vida, sem temer a morte. Impossível dizer em poucas linhas o que significa este livro, pela riqueza e expressão singulares que ele representa, pela estupefação que nos acarreta em cada página, pela potência de imagens que o caracteriza.

Valdemar Cavalcanti, "O Jornal", Rio de Janeiro.



O inocente Gerardo Majella, nascido aos oito dias do mês de janeiro do ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil e novecentos e dezessete, na Vila de Ipueiras, Ceará" (como se lê num de seus poemas), é hoje o poeta Gerardo Mello Mourão, cantor de sua gente... *O País dos Mourões* não é apenas a epopéia de todos aqueles capitães-mores e barões de Holanda, caciques da raça Tabajara, pontífices, mártires, bandidos, filhos da índia preada, juriti na aldeia potiguara. Isto, que já seria muito, não seria tudo, não englobaria a grande problemática humana que *O País dos Mourões* encerra e agita — como notou com argúcia Octavio de Faria.

Brito Broca, "Correio da Manhã", Rio de Janeiro.



Desse livro (faulkneriano) de poemas épicos, não sei como falar — e mal suspeito como situá-lo em nossa literatura. Lembrando Faulkner, lembrando Lawrence, lembrando Fernando Pessoa (*Mensagem*, pelo menos), lembrando Jorge de Lima (*Invenção de Orfeu*, pelo menos), lembrando muitos outros grandes (poetas ou romancistas, pouco importa, porque todos épicos), foge a todas as classificações e resiste a qualquer esquematização... A saga lírica dos Mourões, que o poeta nos oferece, é de uma beleza e de uma importância raramente vistas ou entrevistas em nossa literatura... Livro grego, quase homérico...

Octavio de Faria, "Correio da Manhã", Rio de Janeiro.



O romance de Gerardo Mello Mourão é de uma beleza assustadora.

(...)

Dez a Odisseia

Um livro belo, intratável... A narrativa alonga-se numa série de seqüências de pesadelo kafkiano; a atmosfera é sempre sufocante, demoníaca, perturbadora, deixando entrever aqui e ali abismos sem fundo em que figuras que parecem fugidas de um quadro de Bosch se debatem angustiosamente...

Leonardo Arroyo, "O Estado de S. Paulo".



Fico sempre, diante do que nos tem dado Gerardo Mello Mourão, algo desorientado, senão estupefato. E mais pela qualidade, grande, de sua obra ainda em início, pela absoluta originalidade dela em nossa literatura. O poeta vem arrancando de si próprio, de sua imaginação, de sua sensibilidade, a matéria-prima de seus escritos e a forma deles, a ponto de perdermos um pouco as estribeiras do elogio. Talvez seja o que acontece, mas a generosidade não me assusta. Que leu esse moço? Que experiências viveu? Não sei, não o conheço pessoalmente. Deve ter lido o que todos lemos, deve ter vivido como nós todos, alimentados com esperanças e amarguras. Deve ter indagado do por que, do como, do para quê. Deve ter morrido várias vezes e ressuscitado outras tantas. A expressão, porém, que encontrou para dizer isso tudo é nova, sem dúvida, e nessa novidade se divisa o escritor autêntico.

Sérgio Milliet, "O Estado de S. Paulo".



Na literatura ibero-americana Gerardo Mello Mourão ocupa, como poeta e como romancista, um lugar original... É um belo livro, pleno de significação, rico de poesia e de símbolos.

Maurice Chavardès, "Le Monde", Paris, em longo artigo sobre a edição francesa de um dos livros de GMM.



No livro de Gerardo Mello Mourão perpassa, vem de permeio, com intuições admiráveis, a lembrança de Kafka e a do Hesse de *O Lobo da Estepe*... É um forte romance que transpõe para a novelística brasileira aquela atmosfera entre feérica e alucinatória, tão bem fixada

em *O Golem*, de Gustav Mayrinck. *O Valete de Espadas* restaura a tese de Lukàcs, segundo a qual o romance é a epopéia de um mundo abandonado por Deus.

Franklin de Oliveira, "Correio da Manhã", Rio de Janeiro.



... O mais impressionante de todos foi *O Valete de Espadas*... O autor desse romance estranho, não obstante a sua simbologia, conduz diretamente e brutalmente a toda a intensidade dramática de sua história. A imagem principal do satanismo do herói, do seu ressentimento profundo, irrompe e grava no espírito do leitor com uma violência desconcertante, a experiência frustrada desse personagem, que parece ter sido a do próprio autor (Tristão de Athayde viu nele o apóstata terrível, uma espécie de ex-monge que chegou a penetrar todos os segredos da vida conventual), é narrada com indicações cênicas soberbas, que bem revelam não só uma grande cultura especializada, diria eu, como também um gosto apurado pelos valores estéticos pouco comuns entre nós. Vi nesse livro também alguma coisa de kafkiano, principalmente no começo, dando corpo a um sentimento de culpabilidade oculto, mas que era mais forte que a má consciência desse herói, que parece ter querido se servir da farsa mais cruel que a humanidade teve de sofrer: a história do pecado original... Estou longe de poder dar uma idéia desse livro apocalíptico...

Temístocles Linhares, "Diário de Notícias", Rio de Janeiro.



Livro absolutamente denso, de uma densidade intencional terrível, marcada pela mágica de uma poesia de contraditória força interior... Um escritor mergulha-

do na procura da grande verdade: a verdade da origem do bem e do mal.

Oliveira Franco, artigo sobre *O Valete de Espadas*, "Jornal do Comércio", Rio de Janeiro.



Na literatura brasileira contemporânea, Gerardo Mello Mourão surge como algo inexplicável... Não tenho idéia de, há muito tempo, haver lido nada que mais me impressionasse... Na pauta do surrealismo, o autor esgota, esteticamente, todas as suas possibilidades. Mas é a profundidade deste livro, seu conteúdo de angústia, os abismos demoníacos em que se adentra, que deixam o leitor como uma presa, amarrado e fascinado, da primeira à última página. Coisas estranhas foram-me contadas a respeito desse escritor, para Tristão de Athayde, de início, semelhante a um monge apóstata. Todavia, acredito que ninguém haja tomado a sua verdadeira dimensão humana. Ele próprio nada mais faz que mergulhar em todas as direções, espécie de naufrago do grande Nada. Por isso seu livro é de uma terrível beleza.

Helena Silveira, "Diário de S. Paulo".



De valores estranhos, violentamente dramático, *O Valete de Espadas*, do poeta Gerardo Mello Mourão, é o romance mais impressionante que já li.

André Leme Sampaio, Campinas, São Paulo.



Devemo-nos cingir à fruição da violenta beleza dos cantos iniciais, em que o poeta, a um tempo nordestino e grego, oscila entre uma atmosfera religiosa pré-cristã e a zona de violências ancestrais, de cuja carga não pode libertar-se.

Nogueira Moutinho, "Folha da Manhã", São Paulo.



Agora podemos morrer. Nossa geração e nosso país estão justificados, com a poesia de Gerardo Mello Mourão. Gerardo Mello Mourão é o único caso do existencialismo em grande, do existencialismo conseqüente, que conheço no Brasil. Neste terreno é, entre nós, figura paradigmática, como Ezra Pound nos Estados Unidos.

Guerreiro Ramos, "Diário de Notícias", Rio de Janeiro.



No fantástico intelectual em que se misturam inextricavelmente referências verdadeiras e míticas, não se pode deixar de identificar no poeta uma figura à altura de Jorge Luís Borges, sendo, ao mesmo tempo, Gerardo Mello Mourão, tão nutrido da terra do Brasil como de todas as literaturas de vanguarda do Velho Mundo, de Lautréamont aos surrealistas, passando por Kafka e pelo ultraísmo espanhol.

Jacques Fressard, ensaio no "La Quinzaine Littéraire", de Louis Aragon, intitulado "Un Borges brésilien", Paris.



Omínimo que se pode esperar da crítica responsável,

universitária, estilística que se faz entre nós, é uma análise pormenorizada, estrutural, lingüística, semântica, deste texto revolucionário que é *Peripécia de Gerardo*. Raras vezes a poesia brasileira terá dito tão fundamentalmente o que pretende dizer: "*com tamanha fortuna quanta / nunca entre amor e morte / alguém passara*".

Nogueira Moutinho



"*Di cherubica luce uno splendore*" — é à visão, à revelação do Dante que nos leva a poesia de Gerardo, poeta da linhagem do Dante — como Godo — contemporâneo do Dante, contemporâneo do princípio e do fim dos tempos, de "*cherubica scienza e serafico amore*". Isto, sua poesia. Sua poética é precisamente uma poética do caminho, caminho não traçado como procissão alegórico-simbólica, porém mais fundo: é meta, é direção, é força inicial de flecha rumo ao alvo. Chega? A poesia será testemunho.

Efraín Tomás Bó



Creio que jamais, em nossa história literária, se colocou a poesia em tão alto pódio. Pois a euforia helênica de Mello Mourão é tudo menos um neoclassicismo do tipo parnasiano. Nietzsche distinguia as duas vertentes do gênio grego, o apolíneo estático e o dionisíaco dinâmico. Winckelman os dissociou, ligando aos tempos modernos pós-renascentistas e particularmente à poética parnasiana, um apolinismo formalista dissociado de Diônisos. A visão poética de Mello Mourão reassocia Apolo, Diônisos e ambos ao tumulto sexualista-belicoso do mundo moderno. E, no seu caso, ao rusticis-

mo de suas vicissitudes de participante extremado na história religiosa e política brasileira, desde o noviciado redentorista em Congonhas até as prisões do Estado Novo, e às suas andanças pelo mundo hispano ou anglo-americano e pelas plagas helênicas ou nórdicas do Velho Mundo. Basta dizer que seu tríptico peânico, em prosa e verso, começou a ser elaborado no próprio templo de Delfos e no Cabo Sumion. E prossegue pelo mundo contemporâneo a fora até Ipueiras, no Ceará, sua terra natal, atravessando a poética das portas mais universais de nosso tempo, como Ezra Pound e Dylan Thomas, até desaguar no martelo nordestino desse admirável poema de canto popular tipicamente brasileiro, das páginas 69 a 84 de seu último livro (1.^a ed. de *Os Peãs — "Vida e feitos de Apolo"*). A personalidade de Gerardo Mello Mourão, como se vê, é realmente singular em nossas letras. Sua obra exuberante, como humanista e como romancista, como ensaísta político e como poeta, oscilante entre o apelo eufórico de Pã "pela imortalidade dos deuses", e a palavra de Cristo a Pedro no jardim das Oliveiras, é uma expressão típica de nosso dilacerado universalismo intelectual, oscilante entre o apelo eufórico dos sentidos e a angústia metafísica.

Gerardo Mello Mourão é um poeta planetário. O único poeta planetário na história da poesia brasileira"

Tristão de Athayde, "Jornal do Brasil" e "Folha de S. Paulo".



O acento de Castro Alves revive — contemporaneizado, se se pode dizer — transfigurado por prestigioso e inesperado clarão e destilado em seu próprio sangue no prodígio dos cantos deste poeta novo — dos mais afirmativos de nosso espírito de povo.

Tasso da Silveira



O nome de Gerardo Mello Mourão está inscrito, em letra viva, inconfundível e perene na história da poesia de seu tempo — história que sempre apagou e apagará as efêmeras gloriolas fosforescentes dos filisteus e dos pingentes da literatura engajada em compromissos menores. O compromisso de Mourão é com a eternidade.

Andrade Muricy



Li este livro (as dez elegias de *Cabo das Tormentas*), sentindo nos seus versos que ali não existem somente as palavras procuradas para a riqueza de um ritmo de balanço sobre o abismo — existem as palavras que são, verdadeiramente, o serviço de um mago da dor, da alegria pecaminosa, da redenção desejada, mas perdida... Sobe a cimos da grande poesia, de admirável poesia... Este poeta Gerardo sabe que as palavras carregam a vida eterna. E das palavras se serve para nos alarmar e nos encantar.

José Lins do Rego, "O Jornal", 1950, Rio.



Há livros que transportam a mundos desconhecidos. Que nos fazem grandes. Que nos permitem medir a grandeza e a beleza humana, num contraponto fecundo. Há livros que nos dão a condição de homem em cada página, em cada palavra, em cada pavana — como *Três PAVANAS*, de Gerardo Mello Mourão.

Juvenile Pereira, "O Fluminense".



Cada um terá seu poeta maior — de seu país, de sua língua e de seu tempo. Para mim, o poeta maior é Gerardo Mello Mourão. De nosso país, de nossa língua e de nosso tempo.

José Cândido de Carvalho



É uma honra ser contemporâneo do poeta Gerardo Mello Mourão.

Otto Lara Rezende



Gerardo Mello Mourão é o mais alto dos poetas brasileiros de nossa geração. São danças, são vozes, são árias feitas de palavras, são palavras feitas de sangue e alma. Sua poesia não permite barateamento. Ela é moradora da torre do solitário Leopardi, é naufraga salva das ondas de Camões, ela é chama no inferno do Florentino. E assim ela pode fazer-se trópico quando lhe aprouver. E parece que no caso do cearense Mello Mourão, Gerardo, aprouve mostrar seu regaço.

Napoleão Lopes Filho, "A Tarde", Bahia.



O *Cabo das Tormentas* nos trouxe a revelação de um nome já extremamente significativo nos quadros da poesia brasileira. O último poema (*O Olhar para o Setentrão* — 10.^a elegia) é uma página extraordinária.

Murilo Mendes



Gostei demais de sua poesia, da terrível força interior que nela corre, e que deu ao livro (*Cabo das Tormentas*) uma construção tão formidável, das poucas "únicas" na nossa safra literária.

Octavio de Faria, sobre *Cabo das Tormentas*.



Gerardo Mello Mourão atinge um domínio da língua que é absolutamente raro em nossa literatura.

Octavio de Faria, sobre *O País dos Mourões*.



Não encontra aproximação em nossa literatura.

Adonias Filho, sobre a poesia e o romance de Gerardo Mello Mourão.



O Valete de Espadas me impressionou profundamente. Nele, o autor mergulha das superfícies, das realidades fáceis, para buscar o fundo do poço. É o mais importante livro da língua portuguesa nos últimos cem anos.

Sérgio Milliet



O Valete de Espadas, de Gerardo Mello Mourão é um dos mais importantes e originais romances já lançados

entre nós... O único romance existencialista plenamente realizado em nossa literatura.

Sérgio Ferraz, in "Leitura", Rio de Janeiro.

Da loucura à parábola, da arlequinada à lição de história antiga ou ao painel dos costumes contemporâneos; da meditação escritural à elegia por uma amante defunta, o romance de Gerardo Mello Mourão contempla a complexidade freqüentemente contraditória da existência humana... *O Valete de Espadas* é um belo livro, carregado de significação, rico de poesia e de símbolos.

Maurice Chavardès, "Le Monde", Paris.

Um romance brasileiro de grande força e intensidade, de um escritor brasileiro à altura de Kafka, Pound, Genet e Meyrink. Um livro raríssimo que se situa nos mais altos planos da grande literatura.

Karl Roegner, Stuttgart.

É o romance (*O Valete de Espadas*) da irresidência, com ou sem especulação religiosa. Creio que poderia ser o romance mais típico no Brasil da configuração do *outsider* de Colin Wilson. Ainda assim, com incrível mobilidade e da forma com que no disco de Newton dissolvemos as cores, este romance dissolve os símbolos dos símbolos, as criaturas, as coisas e os efeitos.

Hélio Lima Carlos Winge, "O Globo", Rio de Janeiro.



Creio ter sido com *O Valete de Espadas*, de Gerardo Mello Mourão, que o novo romance começou a despertar interesse, já que foi após o aparecimento dessa obra incomum que começaram a surgir romancistas não apenas preocupados com o assunto, mas também com a composição... Que o digam alguns romancistas da safra recente... Obra que sacode o leitor, por mais contrário que ele seja ao tema do romance... Gerardo Mello Mourão revela cultura e inteligência que não estamos habituados a ver nos romancistas nacionais.

Alcântara Silveira, "O Estado de S. Paulo".



Gerardo Mello Mourão transfigura a linha de nosso cancionero, com suas *Três Pavanais*.

Walmir Ayala



O Valete de Espadas é o maior romance de alusão já escrito no Brasil.

Franklin de Oliveira



Este é o destino e o sortilégio do romance [*O Valete de Espadas*] de Gerardo Mello Mourão: afastado do curso algo unívoco de nossa literatura de ficção, atravessá-lo às vezes, provocando essa intransigente admiração. Magnífica traviata — "a que perdeu o caminho.

José Maria Cançado, "Jornal do Brasil", Rio de Janeiro.

Um livro (nova edição de *O Valete de Espadas*) — que põe em discussão o assunto da condição humana, que joga com toda uma mitologia extraída diretamente dos compêndios literários e alimentada pela vasta cultura do autor, e que utiliza um tipo de abordagem que o aproxima de autores clássicos e centro-europeus, como Hermann Hesse e Franz Kafka, certamente se distancia, e muito, de obras como *Vidas Secas*, por exemplo. E citamos o livro de Graciliano Ramos de propósito, porque neste, como no romance de Gerardo Mello Mourão, o autor também traduz suas personagens numa caminhada através de um labirinto (...). Tem um lugar perpétuo entre as maiores obras de nossa ficção.

Aguinaldo Silva, "O Globo", Rio de Janeiro.

O autor, mesmo quando aborda o lírico, o erótico, o onírico, ou mesmo na fantasia sem peias, mantém sempre esse domínio absoluto do texto, essa vigilância do mágico, que não deseja libertar os seus poderes... E esse é o sortilégio maior do livro, o sortilégio do escritor, que aparece do princípio ao fim do livro, íntegro, todopoderoso... É o sentimento do mágico que Mourão apreendeu e nos transmitiu neste livro.

Raquel Jardim, "O Globo", Rio de Janeiro.

O Valete de Espadas — o universo particular, onírico, re-inventado, trágico, grotesco, sublime, perverso e blasfemo de um extraordinário escritor. A adjetivação uti-

lizada é ainda reduzida. O brasileiro Gerardo Mello Mourão merece muito mais.

Baptista Bastos, "Diário Popular", Lisboa, Portugal. *



O poeta tinha o direito de servir-se do romance para acionar os problemas maiores que são os da angústia e da solidão em base existencial. A contribuição poética, por este lado, é um suporte. Responsável pela segurança da linguagem, que corre quase em ritmo no rigor estilístico com que se articula, tem a justificá-la a própria conformação plástica de *O Valete de Espadas*. Nesse espaço, que alguns poderão considerar revolucionário (o *antinovel* da crítica de Peter Green sobre Nathalie Sarraute) e que me parece já tenha vencido a prova, Gerardo Mello Mourão não conseguiu apenas associar a poesia ao romance dentro da mesma estrutura. Conseguiu movimentar um mundo, estranho e dramático, que logo inventa aquela *mística do inferno* tão flagrante, por exemplo, em Marcel Jouhandeaux. *O Valete de Espadas* não encontra imediata aproximação em nossa novelística.

Adonias Filho, "Diário Popular", Lisboa, Portugal.



Mergulho nas páginas de *O Valete de Espadas* com o entusiasmo de um sedento que encontra uma verdadeira fonte... Trata-se de um dos mais belos livros que já lemos, não munido da beleza artificiosa do estilo, mas sondando ostensivamente verdades mais profundas, despertando a nossa mente para os problemas do sobrenatural e suas relações inevitáveis com a breve e enigmática vida humana... Entrelaça a história sagrada ao

profano, o destino ao vaticínio, o sortilégio ao inevitável.

Walmir Ayala



Não sei se é tempo de o nosso público saber de que experiências terríveis, realmente vividas, foi feita a visão do mundo implícita em *O Valete de Espadas*. Este é um livro cifrado. Muitos não vencerão o seu hermetismo aparente e passarão pelas suas páginas sem descobrir a sua grandeza. Mas o tempo cairá sobre este tratado de desespero, e tornará possível que um dia se revele sem véus a verdade que o autor nele quis comunicar. Gerardo foi mais longe do que Kierkegaard... É preciso ser iniciado em muitas provações para compreender cabalmente este livro. É um teste. Muita gente sairá punida de sua leitura. Poucos o merecerão...

Por fim, assinale-se a linguagem em que as artes se confundem. É a mesma dos *Sonetos a Orfeu* de Rainer Maria Rilke.

Guerreiro Ramos



O Valete de Espadas é esplêndida realização que honra o romance brasileiro.

Oliveiros Litrento



Estranho romance este que nos mostra o quanto é complexo o nosso mundo e o quanto é incompreensível para todos nós.

Stanislaw Ponte Preta, "Última Hora", Rio de Janeiro.



Além dos mistérios que Gerardo Mello Mourão nos propõe nessas aventuras de seu *O Valete de Espadas*, está o admirável vôo de seu estilo, sua capacidade de evocação de comunicar o belo, o gozo, o pavor, o mistério. Este é um dom poético, que Gerardo Mello Mourão possui torrencialmente.

Hernán Poblete, crítico de "El Mercurio", Santiago, Chile.



Poetas como Rimbaud, Byron, Lautréamont, Baudelaire, Artaud são os nomes que ocorrem para situar a linhagem de Gerardo Mello Mourão, a linhagem dos marcados pela maldição da poesia. Talvez seja Gerardo Mello Mourão um caso ímpar em nossa literatura.

José Alcides Pinto



Rastro de Apolo parece um livro estranho: introduz uma dicção poética fora dos cânones da época, tenta harmonizar experiência inovadora e tradição. Deixará de ler um grande poeta quem não aceitar o desafio (...) uma composição poliédrica, cheia de proezas lingüístico-formais, de arte combinatória, enamoradas da própria efervescência, em que se manifestam uma imagem interior multifacetada e uma visão caleidoscópica e decorativa do ideário poético (...). *Rastro de Apolo* reúne belezas avulsas para expressar a geografia de um nômade, pontilhadas de inversões frásicas, de conceitos agudos, de metáforas audaciosas e grotescas, de citações em espanhol, francês, inglês, alemão, latim e grego. Em

dato instante proclama: "venho de um deus — e — só do que me esqueci me vou lembrando — e só o que perdi procuro e acho"..... A forma polissêmica vem a ser o modo, original e fecundo, com que é perseguido o rastro de Apolo...

Fábio Lucas, "Veja".



Os *Peãs*, de Gerardo Mello Mourão, é um dos livros de poemas mais fortes da literatura deste século. Não me refiro à literatura brasileira, pois é conhecida minha posição, não acredito em literaturas nacionais encerradas nos limites de suas próprias fronteiras, lingüísticas e geográficas. O conceito de literatura nacional foi criado pelo Romantismo, sob impacto do super-Estado napoleônico, mas não tardará o dia em que os nacionalismos literários serão postos de lado. E veremos, então quanto pode a força da *Weltliteratur* goetheana. A literatura sempre foi uma só, ainda que esteja apenas a me referir às criações literárias do mundo ocidental. Razão tem o poeta T. S. Eliot quando diz que sua literatura reúne uma "ordem ideal", uma "existência simultânea" que faz os grandes escritores serem contemporâneos de todas as épocas. Por isso, como diz ele, a tradição não se herda: ela tem de ser conquistada à custa de muitas fadigas.

Gerardo Mello Mourão é um poeta da modernidade que escreve com a consciência de que a tradição é a maior força que atua sobre um autor como fonte de influência... O *peã* é um tipo público de lírica religiosa. Ao comentar as formas específicas da lírica e da epopéia, Northrop Frye mostra que o *Peã* apolíneo está para os gregos assim como o Salmo para os judeus, o Hino para os cristãos e os Vedas para os hindus... Essa relação com o mundo grego é uma constante na poesia de Gerardo

Mello Mourão (*Os Peãs*), mesmo quando se ocupa de sua terra natal e fala de seus avós, nas lutas que sustentaram do sertão dos Inhamuns às planícies do Paraguai. Nos versos de *Os Peãs* o autor domina, com rara segurança entre os nossos poetas, todos os gêneros basilares: o épico, o lírico, o dramático...

Na verdade, Gerardo Mello Mourão é um poeta da modernidade, não se devendo confundir tal conceito com as noções de "moderno" ou de "modernismo". Modernidade como plasmação do destino temporal, tal como a conceituou Baudelaire em ensaio de 1859 (...) *Os Peãs* são um livro de grande beleza em que antiguidade e modernidade se mantêm em constante diálogo...

Os Peãs são um livro denso, pleno de força, de fantasia, do sonho e do real, dominado por muitas técnicas, dissociações e alusões que fazem de seu mundo interior um universo de profundezas insondáveis, e do aspecto exterior da expressão um espetáculo verbal sem paralelo na nova poesia contemporânea de língua portuguesa".

César Leal, Panorama Literário, "Diário de Pernambuco".



Conheci em Montréal, no Canadá, o poeta Gerardo Mello Mourão. Foi um deslumbramento ouvir sua comunicação poética, depois publicada na revista *Liberté*. Depois li alguns textos seus para Borges (Jorge Luís Borges). Andamos pelas velhas ruas francesas do Quebec, moramos juntos uns dias no Chateau de Frontenac, vivemos noites inesquecíveis nas ruas e nos cafés de Nova York e de Buenos Aires. Traduzir um de seus livros, na primeira edição argentina, foi uma das mais fascinantes aventuras de toda a minha vida de escritor. O sonho maior seria traduzir sua poesia. A Argentina

precisava conhecer o maior escritor, o maior poeta da língua portuguesa de nosso tempo.

José Bianco, diretor de "Sur", autor de *La Perdida del Reino*.



Pepe Bianco (José Bianco) me leu um capítulo de sua novela, que trata da vida no mosteiro. Leu também alguns poemas. Conheço pouco a literatura de língua portuguesa: Camões, Euclides da Cunha, Eça de Queiroz. É entre estes nomes, especialmente os dois primeiros, que se situa sua linguagem. Além disso gostaria que o poeta me falasse de Deus. Lembro-me de que, durante o jantar, pedi-lhe que me emprestasse, para um de meus contos, uma bela expressão de seu país, que me ensinou: "a noite já pode mais do que o dia". Acho perfeito para o final do crepúsculo e... para um cego.

Jorge Luís Borges



Afinal, encontrei a poesia no Brasil. Encontrei o Gerardo, um poeta...

Antônio Botto



Com *O Valete de Espadas*, Gerardo Mello Mourão escreveu o maior romance de nosso tempo. Com o *Dossiê da Destruição*, o texto lírico mais puro que existe em todas as literaturas que conheço. Não sei se são romances, se são aquilo que Gide chamava de "récit". Sei, isto sim, que a poesia está presente neles no sopro de cada palavra. Tão viva como na espantosa trilogia de poemas

iniciada em *O País dos Mourões* — afinal, a epopéia de nossa América, anunciada por *Martin Fierro*, por *Facundo*, por *Os Sertões* (de Euclides da Cunha). Só nomes como estes podem figurar, com poucos outros* — e aqui me lembro de Lezama Lima — ao lado do de Gerardo Mello Mourão, em nosso continente e em nossos dias...

Antônio Di Benedetto, "La Nación", Argentina.



O Valete de Espadas é um livro que só posso classificar como *satânico*. Escrito por autor de alta cultura e provavelmente por um monge apóstata, e aqui me aventuro pelo terreno arriscado dos *guesses*, é um romance terrível, com segundas intenções, com um espírito demolidor e negador que demonstra a inspiração satânica, mas é, sem dúvida, uma obra que revela as garras de um forte romancista.

Tristão de Athayde (a propósito deste julgamento, o autor escreveu uma carta ao crítico e recebeu dele longa, comovida e comovedora resposta. As duas cartas estão publicadas).



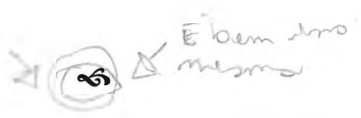
Diz Antônio Olinto que *O Valete de Espadas*, de Gerardo Mello Mourão, é o livro mais inteligente escrito no Brasil nos últimos anos. Alceu Amoroso Lima, apontando-o como obra terrível, de transcendentais intenções de inspiração satânica, afirma que ele revela as garras de um forte romancista. Em *O Valete de Espadas*, tudo é poesia, desde a frase trabalhada, por isso mesmo dútil, ágil, até os vãos mais audazes do pensamento, ora líricos, ora ingressando no reino das visões... Reconforta verificar os tesouros que a língua portuguesa pode ainda oferecer em mãos destras...

Vitto Santos, "Diário de Notícias", Rio de Janeiro.



O livro (de Gerardo Mello Mourão) é diferente de tudo que se tem publicado entre nós. Pura poesia às vezes, devaneio lírico, diário íntimo com minuciosas observações psicológicas, paradoxos, lendas. *O Valete de Espadas* desnorteia o leitor e ao mesmo tempo prende-o à leitura, desde que não procure uma lógica qualquer, como chave para decifrá-lo.

Sérgio Milliet



Sente-se que a linguagem, delirante e onírica, é admiravelmente adequada para exprimir as dificuldades de Gonçalo (o herói do livro), perdido no tempo e no espaço, e a fragmentação de sua personalidade... Um romance poliédrico...

Fernando Py



A leitura deste romance não deixará ninguém indiferente... O autor consegue transmitir-nos um estilo todo feito de nervos, uma mensagem de desespero e agonia, tomando esta palavra no sentido que lhe atribui Unamuno.

Brito Broca



Obra que sacode o leitor, por mais contrário que ele seja ao tema do romance... Gerardo Mello Mourão reve-

la cultura e inteligência que não estamos habituados a ver nos romancistas nacionais.

Alcântara Silveira



A mim, particularmente, o ponto que mais emocionou em *O Valete de Espadas* foi o relato do advento, feito naquele estranho concílio de *grandes margina* da poesia e do cristianismo. Não será demais dizer que a pungência das circunstâncias comove às lágrimas, e que a alta qualidade do relato o coloca ao lado das páginas mais belas da literatura da língua portuguesa moderna.

Nogueira Moutinho, "Folha de S. Paulo"



Tudo o que o homem tem de caótico e abismal, de inconseqüente e de intimamente instável, toda a sua tremenda "*irresidência sobre a terra*", está em *O Valete de Espadas*, expresso em um modo extraordinariamente lúcido e forte, essencialmente másculo. Como essencialmente másculo é também o estilo em que toda essa vivência paradoxal e abismática nos é relatada, podendo-se dizer, sem exagero, que nesse romance Gerardo Mello Mourão atinge um domínio da língua que é absolutamente raro em nossa literatura.

Octavio de Faria



O acontecimento de um livro como *O Valete de Espadas* no Brasil revela o longo caminho que percorremos nos últimos cem anos... É o livro mais inteligente escrito no Brasil nos últimos anos... Quando falo em

caminho percorrido, refiro-me a um tipo de literatura que, mesmo já conhecido na França de Huysmans e na Inglaterra de Oscar Wilde e Max Beerbohn, não poderia ter aqui aparecido na mesma época, isto é, no tempo em que Machado de Assis se tornava dono de nossa literatura e em que se fundava a Academia Brasileira de Letras... A lógica elaborada ao longo de dois milênios e meio de pensamento sistematicamente discursivo uniuse, no livro, ao mítico nascido em épocas anteriores e conservado em tradições que os povos orientais, principalmente o hebreu, deixaram na memória do homem... O romance de Gerardo Mello Mourão acaba significando uma experiência pessoal como as de Hesse ou Joyce... Contudo, Gerardo Mello Mourão não imita. Sua ligação formal com o autor de *Magister Ludi* está numa direção geral de sutil parentesco literário, em que se consuma a forte mistura do espiritual com o sensorial e mesmo o sensual... Os símbolos de Gerardo Mello Mourão se atropelam, interpenetram-se, chegam a formar grande número de veredas particulares dentro da história, mas acabam por fechar-se numa tersa unidade de obra ao mesmo tempo sentida e construída. Sua importância na literatura brasileira de hoje é enorme. Todo um lado da ficção, que ainda não aparecera, começa agora a existir. O *Valete de Espadas* alarga o plano de variedade que nosso romance vinha revelando. E, fazendo-o, abre seu lugar na ficção brasileira.

Antônio Olinto, "O Globo".



Rio, 23 de novembro de 1972.

Meu caro Gerardo Mello Mourão:

Quando seu filho me entregou o Soneto das Nove e

os dois livros, senti que recebia um presente de Imperador, e o tenho nesa conta até agora. Você foi grandioso na dádiva dos meus 70 anos. O soneto me atribui uma comunicação geral com as letras e as artes, 'que eu gostaria fosse o graço particular de minha vida. Longe disso, ela transcorreu burocrática e jornalística, e o mais foram relâmpagos. *O País dos Mourões* merecia, não uma segunda edição, mas edições contínuas em escala nacional, para que nele o Brasil se aprendesse a si mesmo, gravado a fogo e palavra indestrutível. *Peripécia de Gerardo* é outro épico esmagador. Leio, releio, me entusiasmo, a cada momento. Puxa vida, mas você é mesmo poeta que não se pode medir a palmo, e conseguiu o máximo da expressãousando recursos artísticos que nenhum outro empregou ainda em nossa língua. Declaro-me possuído de violenta admiração por esse imenso, dramático e vigoroso painel, que atestará sempre a grandeza singular e a intensidade universal de sua poesia.

O abraço agradecido do seu

Carlos Drummond de Andrade



Robert Graves, que é dos maiores poetas de nosso tempo e lê em português, acha que Gerardo Mello Mourão, com seu *O País dos Mourões*, destaca-se entre todos, exatamente por ser brasileiro em ritmos e palavras, em jeito e espírito.

Antônio Olinto, "O Globo"



O poeta é, sem favor, originário de um *intellectus archetypus*, com raízes latinas, gregas e góticas, disputa-

das na mescla sertaneja, índia ou cabocla. A sua verdade, a sua praxis, a sua duração, parecem involuntariamente preservar o absoluto sem nenhuma perda, pois a existência das coisas relativas e do relativo ou relativismo já demonstrara a impossibilidade de se colocar o Absoluto... Sentimos neste poema (*O País dos Mourões*), que surge no Brasil, uma década após a *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, uma direiteza em especial na pesquisa do homem Gerardo Mello Mourão, voltado na direção religiosa que o poeta não deseja cantar no “seu” país, entre os Mourões... O poeta assume visão de filósofo, portanto, quando integra simplesmente a personalidade mourõesca, como em verdade, a integração dos valores essenciais, em quantidades humanas válidas — quase misteriosamente ontológicas. O caráter mourõesco, que se cunha em ferro, fogo, amor e morte, ocupa um espaço de importância epistemológica, pois possui aspectos em que o poeta vai adentrando pela simples causalidade psicológica e emocional, além da simples possibilidade dos valores, como desejava Herman Broch.

Hélio Lima Carlos Winge, “Diário de Notícias”, Rio de Janeiro.



Quando Gerardo Mello Mourão publicou em 1960 *O Valete de Espadas* — agora traduzido em várias línguas — pressenti que surgia alguma coisa de original na novelística brasileira... Surgiu um romance que toca, de um lado, as fronteiras do puro delírio e do outro as beiradas da mais alta poesia... Em Gerardo Mello Mourão adivinhei esse desígnio de encaminhar-se, pela obra, à revelação de uma palavra ainda incomunicada, e que jaz nos sudários do futuro, para usar a expressão de outro grande poeta. São etapas desse desígnio único seus livros *Cabo das Tormentas*, *O Valete de Espadas*, *Três*

Pavanas, O País dos Mourões e o livro recém-aparecido *Dossiê da Destruição*.

Nogueira Moutinho, "Folha da Tarde", São Paulo.



Dossiê da Destruição é uma descida órfica ao reino subterrâneo da poesia, do amor e da morte. Sem o chapéu de abas amarelas e armadura azul de *OValete de Espadas*, sem a doçura da *Pavana dos Infantes*, sem os fastos heróicos de *O País dos Mourões*, Gerardo, como Odisseu e Enéas, dialoga com as sombras do Hades, regressa às catacumbas onde os peixes se iniciavam no martírio e oferece à língua portuguesa um de seus mais belos depoimentos.

Paulo Bonfim, "Diário de São Paulo".



Gerardo Majella Mello Mourão. Guardai este nome. É o nome de um poeta. E de um poeta que me parece extraordinário, com uma mensagem lírica em cujos versos encontramos algo da força expressional de um Rilke ou de um Homero... É uma linguagem densa, carregada, profunda, estranha, profética... Poeta seguro, firme e cômico de sua missão e de seu destino, que é cantar e comunciar a nós outros a triste e doce ternura da beleza, para que tenhamos um pouco de salvação e de paz em meio aos desvarios e às incertezas da vida.

Artur Eduardo Benevides, "Unitário", Fortaleza.



Transcendental e algébrica
é a tua linguagem típica

com tua poesia épica
tu nos vens trazer a crônica
de tua formação helênica
eu te anuncio Profeta
e diante de ti Poeta
eu humildemente deponho
esta décima que componho
ao teu perfil de esteta.

José Alcides Pinto, "Tribuna do Ceará", Fortaleza.



O segredo da criação poética, uma vez símile ao do sobrenatural, objetiva a criação espiritual do objeto. Reside aqui o primeiro grau para a percepção poética. A poesia — *O País dos Mourões* — o faz em grau eminente. Transita por esses modos de representação todos: é imagem verdadeira do que vemos, imagem que cresce a nossos olhos do corpo com a pura enunciação verbal, sem que ouçamos o rumor da contextura fonética; é também imagem, pitagoricamente mensurável, de essências rítmicas não mensuráveis pela pura lógica estrutural da significação. É a pura palavra como canto, canto que se manifestou depois do nascimento das musas e que eliminou a memória da vida e da morte na raça das cicadas, ébrias, sem pausa, possuídas pelo dom divino da palavra cadenciada... *O País dos Mourões* (...) está em seu trânsito sobrenatural, como nostálgico, convocando com sopro de flautas as sombras dos que, caídos à esquerda e à direita, na morte e na vida da morte, se hipostasiam mais na linguagem que na pessoa, mais no último descendente que, como Elbehnon, refugiado noturnamente no herdado castelo, convoca os de sua linhagem para a última jogada, para a parada heróica no fenecimento.

Efraín Tomás Bó, ensaio sobre *O País dos Mourões*.



A grandeza do poeta está a exigir a inauguração de uma verdadeira gerardologia.

Guerreiro Ramos



O País dos Mourões é, de longe, o maior livro de poesia que produzimos nos últimos dez anos, melhor, desde o aparecimento de *A Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, em 1952. Não é apenas um livro novo e alto, mas ainda uma invenção sem precedentes e, por certo, sem paralelos. Alguém notou que Mello Mourão transformou a linha de nosso romanceiro. Estruturou, talvez será melhor dizer, um romanceiro que andava perdido, insuspeito, irrevelado, deu-lhe consistência artística, deu-lhe relevo, introduziu elementos que fizeram, de um novo poema, uma nova poesia, a poesia maior, que se calara com o *Orfeu*, de Jorge de Lima.

Edmundo Lys, "O Globo", Rio de Janeiro.



Gostei demais de sua poesia, da terrível força interior que nela corre, e que deu ao livro uma construção tão formidável, das poucas "únicas" em nossa safra literária.

Gerardo Mello Mourão atinge um domínio da língua que é absolutamente raro em nossa literatura.

Octavio de Faria



O *Valete de Espadas* (...) traduzido para várias línguas (...) é um romance que impressiona pela amplitude e arrojo de concepção. Romance em que os gêneros se fundem, o que já indica a sua grande modernidade... O jogo é a grande metáfora que o autor levanta para representação da vida... Fazendo o "Elogio da Surpresa" (uma personagem do livro) afirma que é a estranheza, a capacidade das coisas que nos cercam de nos chocar que nos possibilita o conhecimento. A surpresa desperta a consciência: a falta de surpresa remete ao tédio, ao vazio, ao niilismo. As almas só se libertam do tédio e se transfundem em esperanças quando se entregam ao azar e, portanto, mantêm em aberto a perspectiva da surpresa permanente. A vida não passa de aventura poética, tentativa da consciência de se fazer através da visão sensorial e mágica do mistério, porque no mundo o homem — como se lê na epígrafe do volume — estará sempre condenado a repetir com Tobias, na Bíblia: "não conheço sequer o caminho".

Rui Mourão, "Veja".



Não me lembro de ninguém em nossa poesia passível de alguma aproximação com o nosso poeta de hoje... A grande lição de Gerardo aos poetas novos é essa de ter podido confrontar o passado com o presente, pois seria realmente grande infelicidade se o passado não tivesse as suas testemunhas, os seus defensores. Como conceber um mundo sem tradições e sem passado? A consciência que se fecha ao passado é tão fanática e destituída de senso como a que se fecha ao futuro... Já houve quem dissesse com razão que as verdadeiras revoluções *conservam* e as verdadeiras tradições não deixam de ser capazes de renovação, pois conservar e renovar só pode

ser feito no tempo, na condição humana suspensa entre o passado e o futuro... A linguagem do homem é uma só: a poesia. Feliz quem pode sustentá-la como estes Mourões, cujo país se situava bem no pleno sítio da mitologia grega. O poeta Gerardo tem razão: o que permanece é fundação dos poetas. Assim, na mitologia deste poema, em que o filho do país dos Mourões parece partir para o rapto da Europa, sente-se, na mais alta e pura linguagem poética, o sopro vivo da fundação de um mundo... Brotada [sua poesia] certamente de uma língua comunal, de uma língua própria, saturada de história, cujos sentidos e significados se sobrepõem, condicionam ou dirigem a fantasia, a criação e a imaginação do poeta... em *Peripécia de Gerardo*, esse traço evidentemente se acentua mais, não só nos colocando diante de sua própria vida, como também de nossa época, detentora de um repertório próprio de idéias sobre o mundo, se bem que o autor sempre esteja a recorrer ao passado... Qual novo Ulisses, o poeta trilha todos os caminhos do mundo, aprendiz da morte, aprendiz da ressurreição da carne... poema... com que muito teriam de aprender concretistas e praxistas.

Temístocles Linhares, *Diálogos sobre a Poesia Brasileira*, cap. 27, com o subtítulo "Gerardo Mello Mourão e a fundação de um mundo — O confronto do passado com o presente", p. 198-208.



A dignidade estética, apontada por Erich Auenbacher na poesia de Baudelaire era, em muitos casos, colocada num só movimento de poema. Como em *Spleen* que, com seus vinte versos, possui na realidade apenas uma frase. Ou o movimento de uma frase. Essa característica voltaria, em nosso século, a ser visível em outro grande poeta, Ezra Pound, cujo ritmo interno ultrapassa as divisões métricas exteriores, sem perda de uma cadência que, estando nas palavras, delas parece liberada.

Eu diria que esta é também uma das qualidades de Gerardo Mello Mourão, cujo poema *O País dos Mourões* marca este ano de 63 com a presença de uma grande obra de poesia em nossa terra.

O Valete de Espadas e Três Pavanais já haviam colocado o autor em plano fora dos simples julgamentos quotidianos... *O País dos Mourões*, que a editora GRD lança, é poesia como raramente temos tido no Brasil. De feita inteira, compacta, planta-se na linha de Pound e, sob outros aspectos, de Saint-John Perse, sem que haja propriamente uma influência desses dois poetas sobre Gerardo Mello Mourão... O que eu afirmo, no entanto, é que na largueza de Pound e Perse e no ritmo despejado de Mello Mourão, jaz o germe da grande realização. Dizia Péguy que deve haver, em tudo, uma “fenda aberta ao destino”, uma “abertura entregue à graça”, sem o que faltará — à obra, à pessoa ou ao que quer que seja de que se trate — exatamente o não faltar-lhe nada, isto é, a impossibilidade de receber, no atrito com o tempo e a vida, acréscimos necessários e conotações desejadas. É justo essa abertura que Gerardo Mello Mourão revela em *O País dos Mourões* — esse desatamento de si mesmo, esse abandono “água-abaixo” de que falava o autor de “Note Conjointe sur M. Descartes Précédée de la Note sur M. Bergson”. Desde os primeiros versos do livro posta-se Gerardo Mello Mourão na posição do poeta que se larga, que se solta. Canto e autobiografia, o poeta narra e conceitua, com uma força fora do normal que este início já mostra:

*Iam caindo: à esquerda e à direita iam caindo;
Alexandre e Francisco, meus bisavós tombaram,
o primeiro com sua farda de gala, seus botões
de ouro e sua patente de coronel
e o outro com sua barba nunca mais alisada
e sua bengala de castão de ouro.*

Depois de dizer “*Antes caíam hierárquicos e cronológicos*”, vai o poeta citando os que haviam tombado, na guerra do Paraguai ou não, em estados diferentes, nas fazendas e nas farmácias, nos lugares onde homens e mulheres tombam e ficam. No todo, a impressão de uma frase que começa e não se acaba, que parte e ninguém sabe onde vai dar. Acima de tudo, a impressão de largueza. Nada em *O País dos Mourões* é pequeno ou mesquinho. Ritmo e vocabulário, tudo entrega o máximo de si e, contudo, deixa, quase dito, muito do não dito e o que deve pender das palavras sem nelas estar. De vez em quando, a cadência ininterrupta se interrompe (e desses aparentes contra-sensos vive a poesia de *O País dos Mourões*) e o poeta erige notas líricas...

Ao tempo, *O País dos Mourões* é um poema erudito, no sentido de que não brota do nada, mas aproveita toda uma tradição cultural, verbalista e pensamental de uma corrente do homem. Fiel a uma linhagem, porém, vai essa poesia também à novidade. Novidade de toda ordem. Gerardo Mello Mourão extirpa a sintaxe de seus elementos mortos (presentes até em muitos bons poemas) e não se permite fazer, ao longo do trabalho, uma só concessão. Com isso consegue uma impressionante unidade sintática, de que participam tanto os versos compridos — de quatorze e mais sílabas — como os de ritmo normal de sete sílabas, ou os que se partem em pulsações diversas e variadas...

No meio de muitas correntes da poesia brasileira de hoje, é Gerardo Mello Mourão um estranho e um solitário. Nada há que se lhe assemelhe. Nenhum fazedor de versos desta parte do mundo tem com ele parentesco. Daí, inclusive, o silêncio que deve cercar sua obra. Não há pontos de comparação para os julgamentos. Faltam exemplos para os contrastes e as aproximações. Nesta solidão, ainda mais avulta a presença de *O País dos Mourões*. Que dela prescinde, até. Porque seu arcabouço preciso e seu bojo de sugestões podem passar

sem apoios e sem recusas. Primeiro de uma série de três títulos de poesia, o de agora, de Gerardo Mello Mourão, redime de seus pecados de vários anos de amadorismo poético, tido por profissional, que ultimamente vem agitando (ou não) a poesia de língua brasileiro-portuguesa.

Antônio Olinto, trechos do livro *A Invenção da Verdade*.



Este é um dos romances mais importantes da literatura brasileira, de hoje e de todos os tempos. Sérgio Milliet foi categórico: "É o mais importante livro da língua portuguesa nos últimos cem anos". Numa ficção em geral tão rasteira como a nossa, *O Valete de Espadas* singulariza-se por ser romance imantado por múltiplas polaridades, que se manifestam tanto na sua poética compositiva quanto na gama temática que lhe dá enorme densidade.

Como romance poemático, ele se constrói aglutinando os valores do sensorialismo. Mas, ao mesmo tempo, ergue-se como um ato de lucidez demiúrgica: uma grave decisão intelectual comanda a sua construção interna, organizando o ritmo narrativo. Guarda em sua malha poética um pouco da música que é simultaneamente matemática e sonho. Na sua estrutura enlaçam-se o lúcido e o lúdico, o apolíneo e o afrodisíaco. Enquanto a inteligência governa a sua construção interna, a sensualidade (no sentido filosófico do termo) de que está perpassado, mostra como *O Valete de Espadas* submete-se àquilo que os ingleses chamam *the cult of sensibility*.

Mais do que um simples atributo estilístico, a plasticidade de sua linguagem é o instrumento que permite ao seu Autor visualizar o invisível.

Gerardo Mello Mourão parte, nesta perturbadora

fábula de nosso tempo, do real para o mais real, segundo a fórmula latina: *per realia ad realiora*. Este é o motivo pelo qual *O Valete de Espadas* oscila entre o mágico e o lógico, o concreto e o feérico, o real e o onírico, o divino e o demoníaco, deixando transparecer, nesse jogo de polaridades, que Gerardo Mello Mourão concebe o homem como animal simbólico, no qual convivem as potências do racionalismo e as possanças da irracionalidade. A aventura da estranheza vivida por Gonçalo Falcão de Val-de-Cães perfila a revelação conflitiva desta duplicidade, centrada em dois emblemas: o hotel e o convento...



Perfida
Seis anos após a publicação de *O Valete de Espadas*, o primeiro grande romance expressionista brasileiro, Gerardo Mello Mourão nos dá esta admirável metáfora mágica que é *Dossiê da Destruição*. Mais do que a novela que o precedeu, este é um romance que oscila dialeticamente entre o poema e a parábola. As polaridades, que constituem a complexa trama lógica da dialética, marcam a caracterização de Estêvão, desde o início da narrativa, quando cada informação a seu respeito é destruída pela subsequente, sem que desse embate de contrapostos e de contrários irrompa uma superação cristalizada em bela síntese.

Autor cuja invenção poética nutre-se nas fontes mais genuínas da cultura ocidental, Gerardo Mello Mourão, que sempe coloca no centro de sua criação fabular os grandes problemas filosóficos, ao plasmar os sujeitos de seu universo novelário, ora parece admitir, numa linha heraclítica, a atração mútua dos opostos que, portanto, se exigem; ora parece seguir Empédocles, aceitando só a tese da atração dos semelhantes, e ora ainda parece postular, com Parmênides, que os opostos se excluem.

Estas grandes matrizes mentais cruzam-se na modelação dos seus personagens que, por isso mesmo, são seres dilacerados, rasgados por antagonismos, como o Gonçalo Falcão de Val-de-Cães, de *O Valete de Espadas*, imantado pelo numinoso e pela carne. Esses personagens são símbolos, mas daí não se conclua que, como sujeitos romanescos, sejam personagens congeladas: eles não comparecem no romance como encarnações desta ou daquela concepção de vida do Autor, filosofantemente esquematizada: existem, como no caso de Estêvão, para quem a necessidade maior não era a de existir, mas a de testemunhar.

Há uma carta de Valéry a Gide em que o grande descobridor da poesia da luz propõe como modelo do romance moderno *Le Discours de la Méthode*, de Descartes. Por outras palavras, Valéry propunha que o novelista, em vez de escrever sobre a vida das paixões, escrevesse sobre a vida de uma teoria. Queria, portanto, que a paixão de pensar fosse a matéria do romancista.

Em sua ficção, que tem, no ensaísmo, um de seus veios subterrâneos, os quais as explosões poéticas mal ocultam, Gerardo Mello Mourão faz contínuos, incessantes experimentos com o homem, enquanto ser antropológico, com suas grandes conexões objetivas, de onde cada personagem — Gonçalo, Estêvão — constitui ensaios das formas de se ser homem e se estar-no-mundo. Mas esta maneira de conceber a novela, a qual Robert Musil levou a limites insuperáveis, em *Der Mann ohne Eigenschaften*, Gerardo Mello Mourão a salva do risco do abstrato, fazendo-a desembarcar no imenso estuário da poesia. O *motiv* da rosa — a *inviolable rose* de que fala Yeats — que perpassa *Dossiê da Destruição*, faz o romance voltar às frementes fontes do poema.

— “Que vamos fazer agora?

E um ao outro responderam juntos:

— Uma rosa.
E a rosa foi sugerida”.

A partir deste diálogo entre Estêvão e Helena, o romance se poematiza. A tarefa ontológica do Homem, na sua presença terrestre, é instaurar a Rosa.

Franklin de Oliveira, trechos do capítulo “Gerardo Mello Mourão”, no livro *Literatura e Civilização*, Difel-MEC, 1978.



... Depois de longo período de noviciado num convento de padres redentoristas, em Congonhas do Campo, Minas Gerais, durante o qual recebe rigorosa formação nas línguas sagradas, o grego e o latim, participa, como o Dante, da ação política de seu país — perseguições, cárceres, exílios. Entre 1942 e 1948 escreve as dez elegias do *Cabo das Tormentas* (publicadas em 1950) e o romance *O Valete de Espadas*, traduzido para o francês, o alemão, o servo-croata, o espanhol (*com cinco edições em língua portuguesa — N.E.*) e entre 1963 e 1977 (Gerardo Mello Mourão) compõe e publica os poemas de *O País dos Mourões*, *Peripécia de Gerardo* e *Rastro de Apolo*, que constituem sua trilogia épico-lírica intitulada *Os Peãs*. Atualmente o poeta brasileiro se dedica à redação de seu “Carmen Saeculare”, concebido em Lisboa, no qual, orientado por Camões, celebra as navegações e descobrimentos portugueses. Se cabe estabelecer comparações para guiar o leitor contemporâneo, é fora de dúvida que o nome de Gerardo Mello Mourão merece ser citado junto aos Ezra Pound e Saint-John Perse, entre os grandes poetas deste século.

Jesus Moreno Sanz, “Boca Bilingue”, revista de cultura espanhola.



Gerardo Mello Mourão, que cultivava uma poesia de acentos helenicamente epicizantes — *Cabo das Tormentas*, 1950; *Três Pavanais*, 1961; *O País dos Mourões*, 1963; *Peripécia de Gerardo*, 1972; *Rastro de Apolo*, 1977 [esses três últimos constituindo a trilogia *Os Peãs*, que veio a público num volume em 1986 (N.E.: data da 2.^a edição, a 1.^a é de 1980)], — enveredou por um tipo de ficção que, enquanto desvinculada do *nouveau roman*, se beneficiou das mesmas fontes européias. *O Valete de Espadas*, 1960 (N.E.: data da 1.^a edição, havendo um total de cinco edições em português, além das edições estrangeiras) “o primeiro grande romance expressionista brasileiro”, no julgamento de Franklin de Oliveira, caracteriza-se pelo insólito, o fantástico, o descosido da narrativa, o tom fragmentário, o sem-sentido, ou que só tem sentido como ausência, num clima de absurdo à Kafka ou à Beckett, que explora a vocação totalizante do romance, por meio do imbricamento de histórias, numa *mise en abîme* embrionária, da inserção de um ensaio no corpo da narrativa, e da ostensiva interferência do narrador, “peregrino das próprias entranhas”, cujo drama se resumisse na busca do ser à luz da Bíblia. Em *Dossiê da Destruição* (1966), a presuntiva destruição de uma cidade (Pompéia?) se faz acompanhar da diluição das personagens, e finalmente do autor e do próprio romance como forma, numa “ininterrupta atmosfera” de alegoria que, ressumando de poesia, prolonga a obra anterior.

Massaud Moisés, *História da Literatura Brasileira*, vol. 5.



Três Pavanais, de Gerardo Mello Mourão (...) o verso livre de Gerardo Mello Mourão, lançado com tanta segurança, panorâmico, teia mágica, funciona magistralmente como instrumento do minueto plástico. São be-

líssimos os três poemas, as três pавanas em que, se quiséssemos ser mais esquemáticos, poderíamos distinguir: na primeira, a *Pavana das Putanas de Copacabana*, a descrição; na segunda, *Pavana do Antiquário de Veneza na Piazza San Marco*, a crônica; na última, *Pavana dos Infantes*, a mais bela, a mais profunda, a introspecção. Tudo, afinal, tendo como cenário único a universalidade do poeta, denso e refinado.

... sem exagero, sem qualquer excesso, é o livro de poemas mais belo, e por isso mesmo mais sério, publicado em 1961. Quem duvidar que o leia e não se queixe depois de tanta beleza...

Vitto Santos, *Poesia & Humanismo*, capítulo "Pavana e Canção".



Gerardo Mello Mourão é um menestrel, tangendo seu alaúde e cantando em *Cabo das Tormentas*, a *Elegia dos Lírios Mortos*, a *Elegia da Dança*, e depois a *Elegia* — é também uma elegia — da *Pavana das Putanas de Copacabana*. Mas a aventura maior de sua aventura poética está na trilogia *Os Peãs* — *O País dos Mourões*, *Peripécia de Gerardo*, *Rastro de Apolo*.

Dele se disse que, à semelhança de Ezra Pound, é um bardo em busca ansiosa da palavra perdida. E essa bem pode estar no encontro do som com a imagem, quer dizer, poderá germinar da linguagem ocidental, criada sobre signos de sons, com a palavra como imagem concebida como representação do próprio objeto, da coisa.

... Autor poliédrico, Gerardo é um poeta maior, máximo, que incursiona no ensaio, no conto, no romance...

Joaquim Ponce Leal, introdução a dois ensaios sobre a obra de Gerardo Mello Mourão.



Ao acrescentar ou inovar, a ficção nacional percorreu tempos marcados pela variedade de formas e de aspectos e, muitas vezes, abriram-se veredas à temática brasileira. Mas seria imprescindível a coincidência de muitas experiências e o oxigênio da cultura, para se criarem as condições geradoras de um livro como *O Valete de Espadas*, do poeta Gerardo Mello Mourão... Este livro que irrompeu nas letras nacionais como "o livro mais inteligente escrito no Brasil nos últimos anos", nas palavras de Antônio Olinto, terá de ser admitido como o seu pecado original. Senhor dos próprios ritmos, o autor submergiu em um oceano de fantásticas vivências, para de lá trazer a dádiva — o universo deste "Valete"...

Gonçalo (personagem central do livro) deve caminhar sobre o acontecido, em algum lugar e ao mesmo tempo confundido com o presente e o amanhã. E talvez aqui nos aproximemos da analítica existencial de Martin Heidegger: em certo sentido o futuro é a verdadeira realização do passado e, assim, o pressupõe. Entretanto, se não existe um futuro, o passado não poderá se manifestar. E devemos lembrar: o *gegen-wartigen* heideggeriano supõe o futuro, como antecipação das possibilidades do *Dasein*, por outro lado, a volta ao passado-presente. De modo que o *gegen-wartigen* é, também, resultante desses dois êxtases: o futuro e passado-presente (...)

As horas, os dias e os anos dissolvem-se proustianamente: à magia da anulação do tempo produz-se o retorno de Gonçalo à sua origem, à casa da infância, guardiã de seu enigma. É preciso solver o próprio mistério: e caminham juntos nos corredores da infância (Gonçalo e Jezebel). No lar do passado, entre velhas e crianças, ousa a reconquista de uma aurora antiga. Este momento de *O Valete de Espadas*, o instante em que se movimenta em nova dimensão e onde será mais sensí-

vel a influência do romance moderno de Joyce e Proust e, através deste último, até mesmo da teoria dos Quanta, de Max Planck (pois esta entra na intimidade dos fenômenos e cria a descontinuidade da energia e da ação), contém, talvez, o segredo de Gonçalo Falcão de Val-de-Cães, um segredo escondido no tempo.

(...) O regresso aos dias da infância ainda pode indicar o caminho onde será encontrada a chave explicativa da fantasia e do delírio. A branca e enorme casa da infância parece autêntica, porque até o vento, até o ar respirado é conhecido. E não parecem kafkianas as alucinações do *Valete*, mesmo porque, como disseram outros, Mourão é, no Brasil, um caso único (o único caso de existencialismo em grande) e expressa, como Joyce e Herman Hesse, uma experiência pessoal. À linha vinda de Kierkegaard, que passa pelo existencialismo alemão, deve pertencer *O Valete de Espadas*, um livro situado nos antípodas do realismo (...).

Subvertendo cânones, ao concluir sua narrativa, de um requinte estético incomum em nossas letras, o autor transmitiu-nos a mensagem cifrada, personalíssima, mas em que se encontram o calor, a respiração e a inconfundível autenticidade da vida e do delírio de Gonçalo.

(...)

Superando as próprias dificuldades de empregar a singular beleza de sua linguagem poética, o autor surpreende-nos com esse enredo concebido ou escrito em lugares tão diferentes e distanciados como a Gávea, Brasília, Copacabana, Paris, Munich, Maceió, Stockholm, Cuiabá, Santiago do Chile ou Viña del Mar (...) é mística e apocalíptica a narrativa que vamos descobrindo no *Dossiê da Destruição*, ao pretexto do raconto sobre Estêvão e Helena (...) Expulsos da cidade, na tempestade de desabamentos, Estêvão e Helena vão buscar nas entranhas da terra, quem sabe em suas próprias entra-

nhas, a explicação e o recomeço da vida (...). O tema principal é a destruição da cidade. Não se sabe qual é a cidade nem onde está situada. Provavelmente está situada no interior dos heróis ou provavelmente está fora deles. De qualquer modo é a destruição de um mundo o que assistimos.

À melodia da frase, realiza-se a escalada ao revés: desce-se aos subterrâneos do mundo no sonho de extrair as notas de um lirismo não superficial, nem fechado, mas que se comunica e dirige ao mistério universal do homem e da mulher.

A habilidade muito pessoal do autor, na técnica de jogar com personagens reais ou fictícios, cria a lenda; mas a lenda que se transforma em realidade e a realidade que se transforma em lenda, provocando, inédito e surpreendente, um clima de incedível força poética. E nesse clima ou nessa ambiência, confundem-se o mundo da fábula e o mundo real da existência de todos os dias, em que são contemporâneos heróis e monstros, duendes e mártires. Gerardo toma-nos da mão e nos conduz de volta à caverna auroral, para mostrar-nos e nos ensinar, na magia artística, o estranho universo, tão fabuloso que, durante toda a narrativa subsiste a dúvida sobre a existência da urbe e a realidade de seus habitantes. Porque não se sabe se a metrópole é construída ou destruída. Não se tem certeza da época e dos personagens e sequer se eles alguma vez viveram. Tampouco se sabe se a festa foi causa ou consequência da destruição e nem se compreende se vem de Deus ou se vem do homem o poder que abala e derrota a cidade. Porque estão confundidos os valores do bem e do mal na intuição de que não é possível se possuir o bem absoluto (...) Porque, como no começo do século lembrou um grande pensador da Alemanha, uma vez foi criminosa a descoberta do número irracional, descoberta que destruíra a ordem estabelecida pelos deuses.

(...). A mitologia do *Dossiê da Destruição* transmite-

nos, igualmente, a mensagem da esperança. Zacarias (personagem do livro) ensinou que os mais antigos são os mais jovens. Porque os velhos são a vanguarda, os que chegaram primeiro. E nesse ensinamento está o legado para a existência e o futuro da cidade. Como reconquistar a superfície? Helena leva consigo a rosa. Há que seguir o caminho de seu perfume. Porque a rosa é a arte e a civilização, é a vida e o amor”.

Joaquim Ponce Leal, ensaio sobre *O Valete de Espadas* e *Dossiê da Destruição*.



Essas questões filosóficas (a existência e o tempo) encontram-se representadas de forma mais profunda na literatura brasileira através do romance mundialmente conhecido, *O Valete de Espadas*, editado agora (1987) pela quinta vez. Seu autor, o poeta Gerardo Mello Mourão, atingiu um momento raro na história de nossa literatura...

(...). Gonçalo (personagem do livro), um ser que, em sua odisséia “nunca dantes navegada”, descobre dentro de si forças desconhecidas que o impelem a inquirir seus valores, alicerçados no decorrer da vida. A profundidade filosófica desse personagem foi forjada numa tempera de igual qualidade à do *Ulisses* de James Joyce, do *Hamlet* de Shakespeare, ou do Dante quando desceu aos infernos guiado por Virgílio e ascendeu às delícias do paraíso, conduzido pela beleza virginal de Beatriz...

(...). Neste romance, nesta sinfonia, neste réquiem, está cada gota de seu sangue, cada molécula de sua carne, cada faceta de seu espírito, que traduziu a linguagem dos anjos e teve compaixão dos demônios que outrora foram arcanjos, e hoje, apesar de seu poder, fazem parte da imensa legião dos desgraçados.

Júlio César Machado, ensaio “As espadas do anjo terrível”.



Gerardo Mello Mourão pertence, certamente, à linhagem dos grandes poetas.

Otto Maria Carpeaux

*Poesias Ob. 10-11-12
Quando será publicado*



Em toda a minha obra o que tentei foi escrever a epopéia da América. Creio que não consegui. Quem conseguiu foi este poeta de *O País dos Mourões*.

Ezra Pound



Com Gerardo Mello Mourão, este poeta brasileiro, seu país e seu continente alcançam, pela primeira vez, a voz da grande poesia e da grande poética universal.

Robert Graves



*Belíssima
tradução*

Tem um homem
que nasceu no errado lugar certo.
Longe de Wolffenbüttel
mas perto de Leibnitz e Lessing.
Longe dos fjords de Bergen
mas perto de Ibsen e Hamsum.
Longe dos pubs de Dublin
mas vizinho de Shaw e Joyce.
Seu nome rima com sertão.
Rima dura para o ignorante coração europeu
(tão cheio de frio e consoantes).

Mas este homem conhece o ideograma das estrelas,
justifica a bigamia de Pound
e chora pela brilhante derrota
que Portia infligiu a Shylok.
Este homem brasileiro — sertanejo de couro duro —
sabe — como Hopkins —
que é um fragmento da humanidade.
E reconhece o trovão,
a lâmina, a solidão,
o amor e o tédio.
(Doutor Honoris Causa na Papua Guiné).
Me espanto e me orgulho de ser contemporâneo
de alguém tão pequeno como o Mundo
que ele vive surpreendendo na cama do cáos.
Como Empédocles e Virgílio,
Aquino, James Crichton e Kierkegaard
que reconheceriam no olhar deste homem
que percebe a verdade entre
o olho e o objeto visto.
E resignado com a raiz dentro da pedra
ensina luz à escuridão.
Caminha só o poeta dos tempos que virão.
O homem que acredita em Zeus:
Gerardo Mello Mourão.

Fausto Wolff, Rio, 22-11-85.



Maio de 1967, noite de lua cheia,
quintal de Ayuruoca, país das Gerais saudações,
muito saudar!

Cantor de além dessas montanhas e quintais:
abrem-se as águas do Mar Vermelho, pisam

o chão molhado tuas alpercatas secas, de couro e
[poeira
do país dos Mourões

atravessas, courudo e empoeirado as ondas
de volta do êxodo
agora te chamas de novo por teu nome, Gerardo
[— Gerardo

conversa a conversa do abismo
com Isaías, Jeremias, Habacuc e Amós, digamos,
[e os outros
a noite da Mantiqueira ensinou-lhe a língua
e falam Troias, Saléns, Jerusaléns, Beléns e Lácios
O Inferno, o Paraíso, o Purgatório nos quintais
de Ayuruoca e Ipueiras

chega o cheiro bom do suor dos cavalos
os cavalos amarrados à porta espumam no chão
[doméstico
se aliviam de selas, relhos, loros e estribos
pendurados na sala

galopam agora os padres de pedra-sabão com seus
[barretes judeus,
as túnicas arregaçadas
por estradas de barro e ventos de ontem
uns na garupa, outros na brida

Homero às ondas os bois do mar
aboiamos, Gerardo teu aboio
aos bois das nuvens serranas.

Aboiaste o primeiro aboio e o último aboio
que aboio aqui aos bois da aurora e aos bois da
[noite
daqui ao vale de Josafá por onde aboia também
[o teu

aboio o Dante
na língua antiga e nova, que aprendeste e ensinas
aos que ensinaram."

Carta do poeta Dantas Motta.



(...) "O Brasil de *Os Peãs* é uma realidade elemental, pletórica de seiva, a seiva generosa de Mellos e Mourões, irrigando a maior árvore tribal do Nordeste; seiva do sexo, seiva da memória, seiva da língua amadurecendo em versos assim:

"Naquele tempo / chiava o ferro no quarto dos bois / e o gado do capitão mugia gordo / nas soltas dos Mourões / e as cabras eram assinadas na orelha e as éguas e os jumentos ferrados / e o ferro negro marcava o gibão dos vaqueiros e os bancos da alpendrada, a aroeira dos currais de tronqueira / e as camas de couro cru onde nascemos e a marca / dos Mourões marcava / homem, alimária e coisa / daquele tempo"...

Brasil épico dos ancestrais caindo à esquerda e à direita, com suas fardas de gala, seus botões de ouro e suas patentes de coronel, sangrados a punhal, varados de bala, picados de cobra, de maleita, ou "*em suas camarinhas cheias de santos*", como Ana, Eufrosina e Úrsula. Descendo aos Hades familiar, Gerardo recua aos tempos em que a história pátria fazia uma só com a história dos clãs dominantes, à nossa Idade Média, cuja relembração transfigura o poeta em aedo moderno. O Brasil de *Os Peãs* forja-se a si mesmo na luta, no confronto das paixões as mais radicais e contraditórias, crescendo na tensão das próprias forças, desenvolvendo-se na direção certa ou errada, mas sempre alimentando pela vitalidade que estua em seus nervos e em suas artérias,

estruturando sua morfologia social e política livremente, sem a pressão de nenhum modelo imposto de fora ou de cima (...). O Brasil do aedo nordestino está sempre na ofensiva do impulso, da coragem, do espírito de empresa, construindo-se no amor ao risco, pelo método do desafio e resposta, único adequado para edificar uma nacionalidade firme sobre as pernas.

(...). Vital para nós é a liberdade — Eleutheria — nome grego da liberdade, conforme recorda o poeta no segundo livro de seu tríptico, *Peripécia de Gerardo*. “Peripécia”, construída com a mesma raiz de “perigo”, “perigo” e “experiência”, palavras gêmeas.

Entre o Brasil arcaico de *Os Peãs* e o Brasil subiluminista não há hesitação possível. No primeiro encontramos nossas raízes, alimentando-nos de nossa seiva criadora, identificados à substância barroca de nossa historicidade. Vislumbramos em seus rudes compassos, em sua épica telúrica, em suas dispersas reminiscências culturais, a que não faltam a nostalgia do grego haurido no seminário e traços de mitologia pagã, o arquétipo vivo de Lobos, microcosmos culturais em que elementos díspares, antípodas, o trópico e a Grécia, a Europa e o Oriente, o asfalto e a caatinga, o atual e o arcaico unificam-se no deslumbramento de uma perfeita eugenia artística, configurando em ritmo e imagem novas possibilidades de beleza e de vida.

Gilberto de Mello Kujawski, “O Estado de S. Paulo”.



Mello Mourão en búsqueda de la identidad perdida.

Blás Matamoras, “La Opinión”, Buenos Aires, Argentina.



As edições não muito freqüentes de romancistas brasileiros implicam, habitualmente, para o leitor argentino, uma forte singularidade. O grande país-continente produz novelas mais dependentes de certas zonas de sua ecologia e de sua geografia. Normalmente, as ficções ambientadas no mundo — meio americano e meio afro — do Norte-nordeste.

Assim, desde os clássicos (Euclides da Cunha com *Os Sertões*, texto entre a novela e o relato sobre a revolução de Canudos) até os atuais — Graciliano Ramos, José Lins do Rego, passando por Jorge Amado, e os textos propriamente históricos, de Gilberto Freyre e mesmo de Pedro Calmon. Este livro de Mello Mourão pode desconcertar o leitor com essas prevenções. Não só porque prescinde de todo regionalismo, mas porque, precisamente, seu tema cardinal é a não-presença do homem no espaço histórico e no espaço físico, a ruptura do tempo como continuidade linear, a dispersão e a busca e recuperação do *eu* no delírio de uma identidade perdida. O autor tem maior afinidade com Ferdinand Céline, com Franz Kafka, com Günter Grass (e também com Pirandello e Marcel Proust); inscreve-se no longo crepúsculo do sujeito como personagem, na descoberta da novela nos fins dos 800. À medida em que a sociedade se massifica, em que a economia perde seu caráter de concorrência, o indivíduo conta cada vez menos com o mundo das relações sociais.

Um possível resumo da narrativa, por uma estrutura de viagem — uma viagem descontínua, a saltos — de um espaço a outro: o narrador adormeceu em sua casa, junto com sua mulher, e desperta num solitário quarto de hotel, numa cidade que desconhece, onde lhe falam em francês, o registram e numeram. A cidade anônima passa logo a ser um navio, do qual se evade, depois de afundar-se numa segunda cidade — submarina —, um prostíbulo de sábias raparigas que conhecem os mitos

antigos, um convento, uma conjuração anarquista, a desabituada casa natal (à qual volta com Jezebel, conhecida pouco antes em um salão de jogo), um cemitério onde mata uma mulher. Finalmente, um maço de baralho em que o narrador é o valete de espadas.

São talvez os dois momentos em que se produz a identidade: quando o relato chega ao crime e ao jogo. Ou seja: o ser é pela ação (eu sou o que matou), ou pelo inelutável (sou um naipe no jogo, movido por leis e forças que desconheço).

O relato se inscreve sem dificuldades na tradução da narrativa existencial: o jogo é uma constante da filosofia de Heidegger. A perseguição, a partir de um mundo reconhecível que se perdeu (uma espécie de expulsão do Paraíso) remonta a Kierkegaard: O homem sente-se perseguido pela culpa de haver cometido o pecado original. A vida é angústia pecaminosa.

Concebido numa língua oscilante — um português sem localismos, mais intervenções das Escrituras, momentos em francês, em espanhol, em latim, em grego —, o discurso recolhe a experiência de Mello Mourão como poeta. Até certos excessos e rendições ao lirismo se podem justificar, se pensarmos que não se trata de uma novela, de um romance, nem sequer de uma narrativa, mas de um texto fictício que afeta a forma de uma longa estrofe de versos.

A identificação formal corresponde perfeitamente à matéria do discurso: é uma vacilação entre espaços incertos e tempos perdidos (perdidos como Tempo). Este narrador sem mundo, sem identidade, nem deuses precisos, tampouco tem um gênero preciso em que situar seu belo delírio.

Se alguém pensa que a tradição não é um gênero literário, deve ler este trabalho de José Bianco e se convencerá do contrário. O discurso sempre terso e o peso exato de quase todas as palavras consumam uma obra exemplar. Bianco e Mourão se identificam plena-

mente no essencial: no papel decisivo que certas propriedades da linguagem encenam quando usadas poeticamente.

Blás Matamoros, *La Sota de Espadas*, traducción del portugués de José Bianco, Edición Sudamericana, 1975.



“NOVAS NOTÍCIAS DA GRÉCIA”

Com *Rastro de Apolo*, Gerardo Mello Mourão encerra uma trilogia (os outros dois livros são *País dos Mourões* e *Peripécia de Gerardo*) que o confirma como o mais intrigante, maldito e egocêntrico poeta da moderna literatura brasileira. O *egocêntrico* não deve ser entendido aqui como um senão, mas como um adjetivo que não pode ser dissociado de toda a obra de Mourão, no fundo relatos passionais e apaixonantes de um escritor que caminha entre Ipueiras e Atenas, que é tão íntimo do sagrado como do profano, e que faz com coragem o *striptease* da sua (da nossa) condição humana.

O tema central de *Rastro de Apolo*, dividido em vinte e um poemas, dentro do poema-rio que é um livro, está bem explicado na apresentação de Efraín Tomás Bó: “A busca de Apolo é o objetivo deste livro, e em seu rastro se acha e se perde o poeta, numa fidelidade que move até mesmo suas vigências existenciais, numa incessante peregrinação pelos lugares do mundo”. Mas a busca de Apolo não é apenas do “deus dialético que inventou a liberdade helênica”, é a busca de *Apolo Mello Mourão*, e reflete a busca sofrida daquilo que o poeta sabe que é o Deus feito homem (...) “o abismo / é meu porto e minha pátria / ego poeta cidadão do abismo”.

É impossível não pensar em Jorge de Lima, particularmente em *Invenção de Orfeu*, quando se conhece a trilogia de Gerardo Mello Mourão. Na *Invenção*, Jorge

de Lima avisa que não lhe peçam nenhum lema, para o seu poema-rio e explica: "Contemos uma história. Mas que história? / A história mal dormida de uma viagem". É um poema tão ébrio como o de Mourão. E se é cristocêntrico, não deixa de refletir o drama fundamental da condição humana: "Deus e o demônio — os grandes nós medíocres" (*Invenção de Orfeu*, Canto Segundo).

A caminhada de Apolo Mello Mourão, sempre à beira do abismo (...) uma viagem a ser acompanhada com a mais viva emoção poética, sempre ao *ostinato*, gráfico e musical, de Léa / Lambda / Eleutheria.

As peripécias gráfico-estilísticas do novo livro de Gerardo Mello Mourão são mais ousadas do que as anteriores. Quem sabe grego, conhece Ezra Pound, já leu o *Ulisses* de Joyce, e é afeito às sextilhas em redondilha maior dos nossos cantadores, como Azulão, o Cego Aderaldo e Inácio da Catingueira, acompanhará com mais proveito essa nova viagem de Gerardo Mello Mourão, um Jorge de Lima de gibão, para quem todas as notícias da Grécia começam em Ipueiras, todo rio desagua no mar, o regional é afluente do universal, e todos estamos no rastro de Apolo/Deus.

Luis Orlando Carneiro, "Jornal do Brasil".



"PASSEIO PELA AVENIDA DO SABER — Gerardo Mello Mourão conduz os leitores aos labirintos do saber, desde o início da filosofia grega".

A Invenção do Saber, de Gerardo Mello Mourão, constitui a expressão mais elevada do pensamento humanístico brasileiro. São apenas 223 páginas a compor esse volume, editado pela Paz e Terra (N.E.: a 2.^a edição é da Ed. Itatiaia). Na nota introdutória, o Autor escreve, modestamente: "*Como o texto musical de Weber, que não chega*

a ser uma valsa, mas apenas um convite à valsa, este livro é apenas um convite ao pensamento".

Em verdade, é muito mais que isso. O convite ao leitor é para acompanhá-lo pelas avenidas amplas e ensolaradas do conhecimento do homem sobre si mesmo. O primeiro trabalho desse volume, aquele que lhe fornece o título, é um dos momentos culminantes da pesquisa do saber e de sua valorização como instrumento de progresso histórico do ser humano.

"O homem logrou a invenção do espírito, ao lograr a invenção do saber. Essa invenção, projetando-se do tempo mítico, plantou, no tempo histórico, a invenção da Universidade. O saber, para Parmênides, o primeiro filósofo que dele se ocupa, é um discernir. Discernir, antes de tudo a si mesmo, para poder, depois, discernir o mundo com seus objetos. Para Sócrates, segundo Platão, esse discernir leva a um definir, isto é, a distinguir entre o que é e o que parece ser".

A partir desse entendimento inicial, Gerardo Mello Mourão nos dá uma série de lições como professor emérito de uma universidade sem paredes. Cada capítulo nos introduz em um novo compartimento da sabedoria gerardiana. No primeiro, ele faz, com argumentos insuperáveis e irretorquíveis, a defesa da cultura humanística sobre a tecnologia e os tecnocratas. No segundo, sob o título de "O Poder", ele nos conduz através de verdadeiros labirintos da cultura, tratando de questões como o "Fundamento poético do Grande Estado Maior", "Esplendor e Decadência do Islã", "Ciência e Consciência da Sociologia", "Os intelectuais e o Fascismo" e os três trabalhos sobre "Maquiavel e o Brasil".

A terceira parte se inaugura com a sua separação do Ocidente, no momento em que, de Paris se preparava para partir no rumo do Oriente, da China. Na evocação

de um verso de Rilke, "*so leben wir und nehmen immer Abschied*", ele simboliza as andanças físicas e intelectuais do homem, sua semelhança e sua identidade universal, o homem irmão do homem, em qualquer latitude.

Sob o título "A Luz Perpétua", GMM traça o perfil de amigos comuns como Efraín Tomás Bó e Guerreiro Ramos, "o divino mestre", e também de Octávio de Faria e Eduardo Frei, de Camões e Ezra Pound (cujo drama até à morte em Veneza, ele descreve com detalhes reveladores), para concluir com um poema em prosa que é essa "Pavana para uma imperatriz defunta".

A quinta parte dessa obra, "Jacó e o Anjo", é uma exposição erudita, através de diferentes episódios, da doutrina cristã que GMM esposa. Seminarista, quase ordenado padre, o autor jamais perdeu, neste mundo profano, sua fé profunda na religião que abraçou desde criança. "Nascimento e Morte de Deus", "O Deus desamparado", "O Processo contra Jesus", "Um bêbado de Deus", "Tristão de Athayde e As Bodas do Padresinho" (nada menos que D. Helder Câmara) são os capítulos em que se desdobra esta secção do livro. Em um deles, "Um bêbado de Deus", referente a Gustavo Corção, há uma referência curiosa nos desencontros do autor com Corção, que "*namorava o marxismo e as esquerdas em geral, ao tempo em que eu — diz Gerardo — andava de aliança no dedo com o integralismo*". Depois, as tendências se inverteram. Mas isso, como costuma dizer GMM, é outra história.

A *Invenção do Saber* se divide em seis partes. A última delas, "Exercícios de Leitura", reproduz apreciações críticas sobre alguns livros, das quais a mais interessante se chama "Confúcio em português", sobre a tradução feita pelo padre Joaquim Guerra, um sábio missionário lusitano, dos livros do famoso sábio chinês.

Com essa obra, GMM confirma a opinião de Tristão de Athayde de que ele é a presença mais alta da cultura

brasileira em nossos dias e a voz mais viva de nosso humanismo.

Oswaldo Peralva, "Folha de S. Paulo".



O volume inclui palestras proferidas em universidades nacionais e estrangeiras, além de artigos diversos publicados anteriormente na imprensa (...). "Cultura (...) sem aquele ranço das academias e sim como um exercício espiritual tão ou mais digno de valia que a pura meditação religiosa, muita vez inoperante...

Fernando Py, sobre *Invenção do Saber*.



Nós, que conhecíamos as *Três Pavanas*, e que, portanto, já tomáramos contato com o poder de sua poesia (...) sabíamos ser GMM um alto poeta, desses cuja força e poder se impõem à primeira abordagem e se comunicam ao leitor com o mesmo calor com que nasceram. Havia em *Três Pavanas*, principalmente na última, "Pavana dos Infantes" — algo que nos fazia vibrar, que nos transportava para a infância, quando transformávamos nosso pai no símbolo da heroicidade, da sabedoria, da coragem, da intrepidez, da suavidade, da compreensão e da ternura.

Três Pavanas reunia versos de um homem culto e viajado, mas preso, fortemente ligado às suas origens. Escrevendo em versos livres, freqüentemente resvalando para a prosa (coloquial), o poeta nos revelava uma poesia diferente. Aliás, não se sabia bem em que consistia essa diferença; talvez na circunstância de basear-se ela (...) na cadência e no ritmo (...) a diferença provinha (...) do vento de liberdade que percorre os versos, da

sensualidade que os informa, da presença do Brasil que se insinua e se entremostra até mesmo quando o poeta evoca outras terras e outras gentes.

Segredavam os amigos comuns que a trilogia *Os Peãs*, da qual *O País dos Mourões* seria o primeiro tomo, reunia uma poesia diferente (*da obra anterior do poeta*), não só quanto à forma, mas principalmente quanto ao conteúdo. As notícias, ao mesmo tempo em que nos alegravam, deixavam-nos temerosos de topar com um Gerardo Mello Mourão hermético, árido e incomunicável, já que era moda em poesia a ausência de comunhão, de comunicação entre o leitor e o poeta. Os primeiros versos de *O País dos Mourões* (*"iam caindo: à esquerda e à direita iam caindo: Alexandre e Francisco, meus bisavós, tombaram"*), entretanto, logo nos mergulharam num clima que nada tinha de cerebral nem de abstrato, num ambiente bem nosso, palpável, existente. E à medida em que os versos eram lidos, íamos ficando impressionados pelo seu ritmo quente, pela sua cadência sensual e, principalmente, pela presença do chão, não de terra virgem de pés, mas de chão usado e sofrido, palmilhado por botas, fecundado pela chuva, fendido pela enxada, recoberto pela poeira do tempo, empapado pelo sangue da gente. Do sangue dos Mourões falecidos, *"um picado de cobra, outro sangrado a punhal, outro/varado a bala, outro de maleita"*, e até mesmo *"Manuel Mourão que registrara em seu nome todas as terras do certório de Ipueiras/ dorme nelas"*.

As primeiras cenas de *O País dos Mourões* que se oferecem aos nossos sentidos jogam-nos num mundo agreste, em que os vaqueiros de chapéu de couro e bacamarte se unem — através da morte violenta — aos detentores de patentes de coronel e general, com suas fardas bordadas a ouro, a pacatos farmacêuticos do distrito, de olfato estragado por xaropes e poções (*Nota de GMM: não eram pacatos*); de cabras valentes, assassinados com a chibata na mão, sessenta contos no bolso e as

mulheres do cabaré à sua disposição (...). Desfila pelos versos de Gerardo Mello Mourão o Nordeste inteiro, com seus tipos característicos a que nos habituaram os José Lins do Rego, os Graciliano Ramos, os Amando Fontes, os Paulo Dantas. Com a diferença, aliás, importantíssima: pois, enquanto os romancistas nordestinos se deixam aprisionar pela sua terra — com sua natureza, seus homens, seus bichos e suas histórias — Gerardo Mello Mourão não se limita a retratar apenas o regional. Sendo, como é, homem viajado e erudito, teria fatalmente que enxertar sua poesia nordestina de fatos, coisas e lendas de outras terras e outros povos, deste e dos séculos que passaram.

É, assim, a poesia de *O País dos Mourões* grandemente influenciada pela cultura e pela civilização de outros povos, e nela têm lugar de destaque os fatos e os heróis da Mitologia, com toda a carga de significados que eles contêm. Não nos espantamos, por isso, quando topamos com Martius e Sextus Propertius ao lado do caboclo Antônio Pixuna e do Coronel Dédo Catunda, quando o poeta nos arranca dos sertões e dos ritos das Alagoas para jogar-nos à porta do Castelo de Brühl, às margens do Arno, junto de Fiésolo e San Minniato; quando coloca, em um de seus versos, lado a lado, “Madame Sossotris, Eliot, T. S. Eliot e o velho Major / seu Né das Águas Belas”.

Dividindo-se entre reminiscências, leituras e viagens, o poeta ao mesmo tempo toca a frauta e o berimbau, sorve o mel da Ática e saboreia a fruta-pão, acaricia a lâmina do punhal de Brutus e a coronha do rifle de papo-amarelo, num sincronismo (que a muitos parece estranho) entre o regional e o universal. Ele seria um novo Afonso Arinos, o eterno indeciso entre o sertão de Minas Gerais e os bulevares parisienses, se a sua cultura não fosse superior ao criador de Pedro Barqueiro e se suas raízes não viessem do mais fundo da terra cearense, alagoana, pernambucana.

Verdade se diga, no entanto, que não fazem falta à poesia de GMM a sabedoria européia, as viagens pelo mundo, a leitura dos poetas ingleses, franceses e alemães. Pois é precisamente quando o poeta abre o coração de nordestino às coisas de seu clã e sobre elas se debruça, que seus versos ganham mais intensidade (...). Chegamos, então, a sentir o odor do capim-gordura, amassados pelas patas dos animais, a sentir o cheiro quente do ferro em brasa chiando no lombo dos bois, a fragrância adocicada que se desprende do fundo das arcas que resistem à ferrugem, ou esse cheiro de colchas usadas que Proust certa vez definia como “indeciso, pegajoso, insulso, indigesto e afrutado”. Mas não é apenas o olfato que a poesia de GMM impressiona: ela interessa a outros sentidos e o sensualismo que — como um vento de mar alto — perpassa por todos os poemas do livro, bole com os nervos do leitor, exacerbando-os. *O País dos Mourões* foi escrito sob a inspiração de Vênus e de Príapo.

Se fosse indispensável comparar a poesia de GMM à de outro grande poeta nacional, lembraríamos a de Dantas Motta, não pela linguagem ou pela técnica, mas por serem ambas uma crônica de família, de uma região, de uma zona. E também pela presença da Morte, com seu cortejo de destruição, de decadência, de desmoronamento, de tristeza, pois nem sempre a morte dos Dantas e dos Mourões foi violenta, repentina e quixotesca, um mordendo o pó do caminho, o outro, de olhos abertos à procura da lua. Muitos deles morreram chumbados às camas de ferro, entre cataplasmas, mesinhas e urinóis cheios (*N. de GMM: os Mourões, quando não de faca ou de bala, morriam em cheirosas redes do Aracati ou de Pedro II, Piauí*), enquanto o vigário engrolava seu latim: — “*Per istam sanctam unctionem et suam piissimam misericordiam*”.

Nenhum outro poeta nacional sabe refletir tão bem os homens e as coisas de sua região como Dantas Motta

e GMM. Sua obra retrata a vida nordestina e mineira, pelo menos a vida desse passado que, apesar de próximo, parece já tão afastado de nós. *As Elegias do País das Gerais* e *O País dos Mourões* são aquilo que espelham o nordestino e o mineiro naquilo que eles têm de mais característico. Ou melhor: possuíam, já que os nordestinos e mineiros de hoje, orgulhosos de seus arranha-céus, de suas maioneses, de suas lambretas, de seus uísques falsificados, de seu gás engarrafado, de seus comunistas, de seus contrabandos, de sua maconha, longe estão de poder ser comparados aos Mourões e aos Dantas de antanho, que usavam clavinotes, comiam tutu-de-feijão, enfrentavam o governo central, enrolavam pachorrentos cigarrões de palha, dominavam as mulheres que usavam colares, pulseiras e brincos de ouro, e cujos retratos se penduravam nas salas de visitas dos sobradões da cidade e das casas grandes do sertão:

"... na sala, o retrato grande se agiganta

E como ele

A saudade de um tempo menos cruel"

(Dantas Motta, *in Elegia*)

(N.E.: o poeta fez questão de incluir este texto quase integralmente como uma homenagem a seu saudoso companheiro Dantas Motta e às terras de Minas e às gentes de Minas tão cearenses em sua alma antiga).

Alcântara Silveira, ensaio "A Crônica dos Mourões", "O Estado de S. Paulo".

Este *País dos Mourões*, estes três livros de *Os Peãs* — está aí a poesia que eu sempre desejei fazer, e nunca tive força. Gerardo Mello Mourão teve (...). Algumas pessoas pensam que eu sou o grande poeta de Minas e

grande poeta do Brasil. O grande poeta de Minas é Dantas Motta. E o grande poeta do Brasil é o Gerardo Mello Mourão. E digo "o" Gerardo, como se diz "o Dante".

Carlos Drummond de Andrade



E como duvidar da voz de quem não apenas prega, mas continuamente *vive* esse humanismo, seja como político participante, como intelectual *tout court* ou como escritor e poeta que, em dimensão cosmogônica, incessantemente cria e recria o mundo, inventando e reinventando o saber em variedade e progressão infinitas?

Dulce Maria Viana, "Cultura e Humanismo", "O Povo", Fortaleza.



O POEMA POLIÉDRICO DE MELLO MOURÃO

Rastro de Apolo encerra a trilogia iniciada com *O País do Mourões* (1963) e continuada com *Peripécia de Gerardo* (1972), a que Gerardo Mello Mourão deu o título geral de *Os Peãs* (OIPAIANES, em grego). Esclareça-se, desde logo que peãs, segundo Aulete, são hinos que se cantavam na Grécia em honra de Apolo e Diana (Artemis). Mas Peã, tanto quanto Musageta, é também o epíteto de Apolo, o Pítio, que "levava a paz aos corações inquietos e a concórdia às cidades". E isto tem muito que ver com o poema de Gerardo, poeta andarilho, "com a rosa-dos-ventos sob os tornozelos" (pág. 127, da 1.^a edição), que "pelas Fúrias Eríneas pela Musa pelas léguas / vou lendo o chão" (pág. 115, da 1.^a ed.). Diz ele ainda: "pois entre os

*cavalos ruivos e as éguas ruivas e as / ribeiras verdes / passeio
a peripécia da tristeza*

peri

patética

*e a cada passo invento a morte e sou / minha própria invenção
/ e inventei este deus e este país / ao inventar, Apolo, o rastro
/ de teus pés no chão de Orfeu"... (pág. 95/96, da 1.ª ed.).*

Qual a bagagem do poeta para esse périplo condoído às raízes de sua existência e de suas vivências? Ele o diz: — *"na bagagem / um coração emburilhado / numa carta de amor / e dois braços de abraçar / e dois lábios de beijar / e Abdias entoadado à canela e ao cravo / e às margaridas de Iemanjá do Nascimento"* (pág. 31, da 1.ª ed.). Porque o seu périplo, todo de amor, é vasto e ancho, devorador de muitas léguas, que se estendem dos sertões das Ipueiras (sua terra natal), até aos mais distintos e distantes caminhos da América, da Europa e aos limites da Ásia. Aliás, este é o roteiro que percorreu a própria elaboração de seu poema, ora o poeta se localizando no Nordeste, ora no Pampa, em Istambul ou em Paris, na Bulgária ou em Buenos Aires, em Luxemburgo ou em Tegucigalpa, e assim por muitas terras e mares.

Mas da raiz ao vértice desta peripécia, deste canto deambulatório, é em Delfos e nos montes da Grécia — cheganças de Apolo, o deus da redenção e da liberdade helênica, que se situa a "inspiração" do poeta. É no rastro do Musageta que ele desenvolve a sua peregrinação, obstinado na busca incessante de Eros e de Eleutheria, isto é, do Amor e da Liberdade. Ele explicita: *Pange lingua — pois canto no caminho / as coisas e as pessoas do caminho / do país dos Mourões a teu país, Apolo / e teu país é meu caminho / e meu caminho é minha residência* (pág. 100, da 1.ª ed.), o que quer dizer que os Hiperbóreos (o que está situado ao Norte), a que o Autor alude reiteradas vezes, valem, designativamente, tanto para o chão dos Mourões, quanto para o chão de Apolo.

Creio que há dois versos-chave do longo poema ge-

radiano, que constituem o fulcro de seu discurso imagístico: *esta é a memória de meus pés por onde / a liberdade peregrina*. Sim, em sua memorialística poética Gerardo Mello Mourão enumera os muitos itinerários palmilhados na sua busca alucinante dos “caminhos do amor”, do Amor que lhe serve de alegoria para o seu peã da ressurreição, o seu hino de amor a Apolo e Delfos, *pois no chão de Delphos (sic) / brotou a liberdade / companheira dos tempos da aurora* (pág. 176, da 1.^a ed.).

Numa das notas iniciais apostas ao volume, o Autor adverte que, na caça à palavra, que os gregos chamavam “Onomatotheria”, recorre algumas vezes a termos e caracteres gregos. A metáfora fônica e gráfica dessa onomaturgia vale por si mesma. Esta não é, porém, a única dificuldade que alguns leitores poderão encontrar na leitura de *Rastro de Apolo*. Com efeito, como já acentuou um crítico, Fábio Lucas (“Veja”, n. 480), esta é “uma composição poliédrica, cheia de proezas linguístico-formais, de arte combinatória, enamorada da própria efervescência, em que se revela uma imagem interior multifacetada e uma visão caleidoscópica e decorativa do ideário poético”. Poema sem dúvida erudito, que exige certas “decifrações” pelo leitor, no que, por sinal, é ajudado pelo Autor, por meio de algumas notas explicativas.

Rastro de Apolo é, de resto, um poema heterométrico e polissêmico, a que não faltam citações em latim, espanhol, inglês, etc. Mas, curiosamente (e também sistematicamente), como que a demonstrar a sua cepa nordestina, GMM inserta nele, ao gosto popular, uma série de sextilhas em heptassílabos, também chamados de rondilha maior, nas quais se cantam “Vida e feitos de Apolo por um cantador de Ipueiras — Ceará”. Cá como lá a maestria do poeta se faz presente.

Geraldo Pinto Rodrigues, “O Estado de S. Paulo”, 25-6-78.



Nosso Dante é o Gerardo Mello Mourão.

Hélio Pellegrino, "O Globo", 5-2-89.



(...) ao estabelecer os parâmetros de seu longo poema, Mourão pensou-o como uma obra de largo fôlego... de um lirismo transbordante e amoroso, como a própria história dos Mourões... Em *O País dos Mourões*, o autor pesquisa suas origens, as razões de seu existir, num levantamento verdadeiramente genealógico, que apresenta momentos gratificantes de alta poesia.

Em *Peripécia de Gerardo*, aborda a sua vida e a dos parentes das gerações mais próximas, e o seu papel é confrontado com o dos Mourões que o geraram. Ressalte-se o fragmento dedicado à morte de sua primeira mulher, Magdalena (pág. 180-93, da 4.^a ed.), de um lirismo não contido e denso de emoção.

Em *Rastro de Apolo* perquire, ainda, o seu próprio estar-no-mundo. Porém, seu caminho mais áspero é a busca da liberdade... Chama-a pelo seu nome grego, também nome de mulher: *Eleutheria*. E com este nome nos lábios e na lembrança, utilizando-se de todos os desdobramentos verbais que o vocábulo lhe concede — "Eleu — Eleu — Eleu — theria", diz à página 313, onde o radical "Eleu" para a noção de livre arbítrio, tão cara aos gregos — parte para o inventário de quantas mulheres amou, para chegar, enfim, à que elegeu como companheira, e cujo nome lhe serve para aproveitamentos neológicos de raiz grega.

Tem-se insistido nos pontos comuns existentes entre essa obra e os *Cantos* de Ezra Pound. Parecenças há de fato, porém... Mourão tem um vigor poético próprio, cujas raízes se encontram, antes, na poesia nordestina...

Aloísio G. Branco, "O Globo", 27-9-86.



O TEMPO POÉTICO DE GERARDO MELLO MOURÃO

Poderia referir o tempo poético em geral, como realidade que tem universalidade por si, mas encontrando-o naquele que é um dos maiores criadores actuais em língua portuguesa, preferi partir de um movimento qualificado, que transporta as virtualidades do pensamento poético.

Não disse que Mello Mourão era apenas um dos maiores escritores actuais, porque se pode escrever, e escrever bem, cumprindo somente as exigências da literatura, assim como é possível poetar, e poetar bem, observando as leis formais da poesia, e até provocar no universo da sensibilidade uma autêntica alteração estética. No entanto, criar é outra coisa, sendo a mesma, porque o mais essencial divisa-se na criação ou no renovo, não só dos resultados do conhecimento, mas do próprio conhecimento em si.

O poeta criador é o que cria as categorias do pensar através das categorias do sentir. E nós, brasileiros e portugueses, sabemos bem tal diferença porque o nosso autêntico pensamento se abre equanimemente à razão e ao sentimento. Associo aqui brasileiros e portugueses, omitindo outros povos que falam a nossa língua, pois, neste caso do tempo poético, só os nossos dois povos, aglutinando embora diversas raças, não se deixam dominar por nenhuma. Pelo contrário, acrescentam às potencialidades da língua portuguesa os segredos da liberdade e universalidade que cada uma delas lhe pode oferecer.

Gerardo Mello Mourão realiza isso mesmo acrescentando cultura ao sólido vernáculo que o Ceará conserva em substância viva.

As categorias do pensamento poético têm neste cearense uma fonte de renovação, que confirma culturalmente a afirmação repetida, profunda e peculiar de que o tempo não existe. Uma negatividade deste tipo, sendo própria da poesia, que conhece instantânea e intuitivamente, amplia-se neste poeta, que vê o interior das coisas sem intermediários de tempo, de imagens e de discurso lógico.

Se a intuição não constitui processo exclusivo do conhecimento poético mas abrange o conhecimento em geral, já a negação do tempo contável ocupa normalmente os poetas, mesmo quando usufruem e se deliciam com a formulação subjetiva da existência temporal. Mello Mourão, porém, põe em causa esta existência temporal através daqueles conceitos que, tendo um sentido íntimo, se libertem tanto das formalidades lógicas como do consenso moral do "outro".

No seu livro mais autêntico, porque criado a partir de uma existência mais aberta ao transcendente e que, declarando-se romance, usa as categorias poéticas dos seus versos, em *O Valete de Espadas*, cada capítulo existe para negar as várias cisões formais do tempo.

No primeiro, intitulado "Hotel", o próprio acto de situar-se no espaço, depende da hora 0:00, impossível de determinar-se até porque a palavra, que a determinaria na língua, vem, na afirmação da personagem, quando se está agonizante e sem fala, vem quando é já perdida.

No seguinte capítulo, a que chama "Navío", parece renovar o conceito bergsoniano de "durée", mas de tal modo que o "momento" não pode ser escravo de outro momento, encontrando-se a sucessão de ambos naquela saudade que lusos e brasileiros sabemos ter por movimento essencial anular o tempo. Anulando o tempo, anula também o espaço e, da anulação dos dois, o poeta faz emergir a noção de *irresidência*, que não é mais do que, afinal, o estado latente de sua alma inquieta neste

mundo, como inquieta era a alma de Santo Agostinho e dos cristãos bíblicos ou nascidos no Ceará.

Onde, porém, tudo se ilumina, porque nele se sugere a unidade possível do *tempo residual*, é no capítulo "Rua Angélica das Dores", onde as prostitutas que lá moram, assumindo por inteiro o acaso do amor, o libertam da cadeia do tempo dos relógios e dos males do quotidiano. Dessa via libertadora, Mello Mourão, em cujo sangue corre uma "lembrança de todas as coisas", proclama a unidade temporal, única possível, "medida" na saudade que as une. Denuncia-se neste ponto o acordo com D. Francisco Manuel de Mello, na *Epanáfora do Amor*, acentua o "natural apetite de união de todas as coisas amáveis e semelhantes".

O tempo, feito elo saudoso, perde a regra exterior do contável, faz-se instante ou lampejo, faz-se tempo poético.

Gerardo não só se exprime através deste tempo, como poeta, mas também intui as respectivas categorias do conhecimento, como excepcional criador em língua portuguesa.

Afonso Botelho, "Gazeta de Poesia do Mundo de Língua Portuguesa", Lisboa, 1994.



O *Valete de Espadas* (...) um dos livros mais singulares da moderna literatura brasileira (...) é a ruptura absoluta com toda base realista que o aproxime do romance tradicional (...) Como nos romances de um Graham Greene, um François Mauriac, um Georges Bernanos — católicos como Mello Mourão — o tema central é nada menos do que a salvação do homem diante de Deus (...) Gerardo Mello Mourão (...) diz que escreveu o livro para comparecer com ele nas mãos diante de Deus, no Dia do Juízo Final. Se os gostos literários do Creador não forem

muito convencionais, nesse dia, sem dúvida, as portas do paraíso estarão abertas para Gerardo Mello Mourão...

Jairo Arco e Flexa, "Isto é", 16-4-86.



Rastro de Apolo, de Gerardo Mello Mourão é, na realidade, um itinerário mítico e místico. O maravilhoso nesse livro em forma de caminho poético é que Mello Mourão, colocando no mesmo poema a grandeza de Delfos e o bucolismo de Passo de Camaragibe, a fama da Tessália e o esconderijo geográfico de Araripina, universaliza, espacial e formalmente, o que já é universal na essência da poesia que vai captando, de cidade em cidade, com Apolo e com o Deus dos cristãos (...) A península dos deuses e o Nordeste dos vaqueiros ocupam o mesmo espaço poético no livro de Gerardo Mello Mourão (...) Quando houver tempo suficiente a que se faça luz sobre *Rastro de Apolo*, ele deverá ser posto ao lado do velho Luiz de Camões...

Rodrigues de Gouveia, "Jornal de Alagoas", Maceió.



MAGNÍFICO, TOTAL E SOLITÁRIO

Título dos textos de Aguinaldo Silva e Rachel Jardim
"O Globo"

O Valete de Espadas (...) tem um lugar perpétuo entre as maiores obras da nossa ficção.

Aguinaldo Silva, "O Globo", 4-12-77.



Usando de uma linguagem essencialmente musical, isto é, rítmica, mas de uma severidade quase matemática, o Autor, mesmo quando aborda o lírico, o erótico, ou mesmo na fantasia sem peias, mantém sempre esse domínio absoluto do texto, essa vigilância do mágico que não deseja libertar os seus poderes... É o sentimento do mágico que Mourão apreendeu e nos transmite neste livro.

Rachel Jardim, "O Globo", 4-12-77.



Susana-3: Elegia e Inventário, livro de Gerardo Mello Mourão (S. Paulo, Edições GRD, 1994), que retoma na melhor tradição brasileira o difícil tom do amor.

Volume bem cuidado graficamente, porém discreto, vem enriquecido por refinado paratexto, a começar pela concepção da capa: "S" — figuração constelar medieval, expressando a visão da beleza celestial, do profeta Baruch (*in I simboli del Medioevo*, edição italiana, Jaca Book, e da quarta capa: "Walkyria", de Paul Klee, 1940), musa e imagem da beleza, na mitologia germânica, que acompanha a série dos Anjos de Klee, na linha de Heidegger, buscando a fundação da verdade e, pois, da beleza (créditos constantes na edição).

A escolha dos motivos da capa e quarta capa já demonstram, de per si, a amplitude com que se dará a realização textual. Com efeito, os poemas, os dois, contidos no volume, cantam atemporalmente uma emblemática Susana hebréia, nome próprio cuja verdadeira etimologia é: a pura. Mas, concomitantemente, essa Musa de cor bíblica se metamorfoseia no corpo dos versos do longo poema que lhe é dedicado, e o impulso de desejo viaja para o Chile de um exilado... para a Flórida... para Tel Aviv... para Buenos Aires... ou para os confins do Nordeste natal do poeta: Parnaíba, Crateús.

É como se ele nos quisesse dizer que o impulso erótico (...) mantém a chama acesa da lembrança, da criação e do amor humano. E isso é conseguido num texto para ser dito, para ser lido, num andamento grave, num tom doloroso, como requer a proposta de qualquer elegia, sobretudo esta (...) Com efeito, o texto da elegia é sustentado pela magia de um ritmo cadenciado, que tem por notações básicas a dividi-lo os dois pontos, as vírgulas e os travessões. Além destes, serve-se o poeta do espaço em branco, ou do vazio, que interpõe ao largo do poema.

Com estes elementos pontuadores, com léxico e imagística adequados à celebração de uma experiência humana inesquecível, além de uma cerimônia de adeus, Gerardo Mello Mourão sabe extrair trenos lancinantes de maldição...

Na verdade, o poeta celebra a experiência que só é possível no transcurso efêmero do ser, eco de Parmênides, e ante a possibilidade da perda da memória, fonte da vida libidinal e da *poiesis*, estabelece combinações performáticas. O fecho da elegia também ressuma dor cósmica, agônica e visceral... Senão, vejamos:

*"e a mão de Deus riscou tua cabeça
e eras Sua imagem
e eras tu*

*a Beleza
compassiva e cruel:
e duraste o relâmpago
o relâmpago dos olhos
ao coração
a eternidade.
E das portas da aurora
nas portas da morte
teu poeta*

te encontrou para sempre
te perdeu para sempre
teu poeta
com teu nome tatuado na língua
clama aos dias e às noites
Susana
Sus
ana!

A primeira transcrição (*não incluída neste texto, mas constante do original do autor desta nota*) tem similar nos rasgos de desespero das tragédias, as de Sófocles, ou nas lamentações versiculares de Jó; a segunda, no sublime terrível, o de Rilke nas *Elegias de Duino*. Se na primeira a *poiesis* se conforma nas belas disjunções efetuadas por proposições opostas a condições, na segunda, a decomposição, recurso típico da poética de E. E. Cummings, atomiza a palavra, separa suas unidades fonéticas, mas também semânticas e, de repente, o nome da Musa, cindido, revela duas aparências: a interjeição que significa ânimo, coragem, para cima; e o mais residual do *leitmotiv*, outro nome próprio hebraico que significa *graça*.

Mas voltemos ao paratexto desta elegante edição, precisamente a "Nota" do autor:

"Esta é a terceira Elegia de Susana. A primeira data dos anos de cárcere, na década de 40, e faz parte das dez elegias de perdição do livro *Cabo das Tormentas*, editado em 1950. A segunda é um conto elegíaco — "A Caminho de Susana", da antologia "Piero della Francesca ou as Vizinhas Chilenas". Esta Terceira Elegia, seguida de um breve "Inventário de Susana", a dolorosa despedida poética de uma experiência de obsessão pela beleza."

Sua função (*da poesia*) é nomear pela vez primeira; e o trabalho poético de Gerardo Mello Mourão se inscreve nesta linha que não capitula ante os cantos de sereia ou os desencantos niilistas da poesia contemporânea. Não abandona os modelos de profundidade... fundada que está no imemorial bíblico e na mais atualizada referência.; é de todas as latitudes, sem esquecer o acento telúrico que é o umbigo do canto...

Roberto Pontes



O POETA É UM PEIXE

Tenho navegado, por mais de cinqüenta anos, em nosso barco de cedro, o claro, diáfano, longo e breve labirinto da poesia de Gerardo, quer dizer, o labirinto da poesia. Da poesia propriamente dita. Juntos, na Santa Hermandad de la Orquídea, devemos ter encontrado sua beleza consoladora e cruel...

... Pode ser que haja trezentas maneiras de escrever poesia, como concedia Eliot. Não sei. Sei de uma ou duas. Sei que a de Gerardo Mello Mourão é fundadora, antiga e nova: enumerar, enumerar, nomear, nomear, e celebrar os substantivos. Como ensinam a poesia e a poética do pai Homero, que alcança o milagre do conhecimento mágico, da expressão onírica, alógica, e por isto mesmo real, ao enumerar e nomear e celebrar as náus em seu catálogo de hexâmetros, ou as figurações do escudo de Aquiles com seus ecos ressoantes... É o "cânon" e a "fuga" dos mestres músicos, dos mestres de capela na celebração dos oratórios...

... Gerardo, em suas litânias, em seus ludismos barrocos, tem o mesmo saber mágico dos poetas de para sempre. Não os repete: concelebra com eles, com Home-

ro e Dante e Höelderlin e alguns outros, como Godo, o ofício que buscamos juntos, desde as matinas da adolescência, quando partimos para a audácia de uma consigna juvenil, mas perpétua: ou Dante ou nada. Godo já explicava: Homero, Dante, Virgílio celebram e concelebram o mesmo canto.

... Falam muito da palavra, como matéria-prima da poesia. Mas em geral a corrompem e depravam, servindo-se dela para fabricar símbolos, imagens, comparações e construções verbais, que resultam no "deus-ex-machina", dos poetas secos, dos poetas sem sangue, dos falsos poetas, dos não-poetas, que fazem prosa sem saber. Limitados pela aritmética primária, ignoram os cálculos pascalianos e cartesianos e booleanos da matemática infinita e dos números infinitos. As palavras pedem, como sabia Santo Agostinho, a mesma ilimitada harmonia possível aos números...

... Verlaine, poeta e mestre de poesia ensinava que é preciso torcer o pescoço da eloquência. É preciso, igualmente, dentro desta mesma luz, torcer o pescoço da retórica de falsa economia das palavras. Os que economizam a palavra, acabam mais economistas do que poetas. Vide...

... Um dia fizemos a invenção e a sagração da palavra, no bar do Richmond de Florida e no bar do Pacto del Victoria, em Buenos Aires. Fiel a este pacto, com Abdias, Efraín, Godo, Napoleão e eu mesmo, Gerardo sabe, com saber mágico, que a palavra poética não é símbolo, nem espelho, nem imagem. É a "pulchritudo" de Agostinho e de Góngora. É a mera metáfora, ou a metáfora mera. Em sua poesia, cada palavra, como a folha e a flor na torrente floral e fluvial de sua selva barroca, está em seu lugar certo. Cada palavra é a metáfora de si mesma. E isto, que só uns poucos souberam, ao longo dos séculos, nosso poeta sabe, sem precisar de outros pulmões. Sua palavra, sua metáfora viva entra e sai pelas guelras do peixe, feito, como o poeta, para respirar sob as águas

imensas e profundas. No turbilhão das águas caudalosas ou dos vértices de ondas da poesia, o poeta, como o peixe, respira e vive e produz sua mágica, sem a mácula e a servidão dos pulmões...

Juan Raul Young, Buenos Aires



... A poesia é a coisa de Gerardo Mello Mourão. Por ela e com ela, correu todos os riscos. Este homem pesou e mediu todas as horas da aventura de viver, como fazem os santos, os mártires e os heróis, e das libras pesadas e dos metros sem fim das graças e desgraças, foi forjado o metal de seu canto. Eu mesmo já examinei com cuidadosa paixão a substância e a mestria de cada um de seus versos, quase de cada sílaba. Fiz um longo relatório de sua poesia. Está com ele. Não quer registrá-lo nos cartórios fúteis da literatura. Está bem: vamos verificá-lo juntos no Dia do Juízo, do Mane, Tecel, Phares em que se acabará o festim deste reino. Sei que por sua poesia poderemos escapar à ira daquele dia. E ele que já morou no cárcere, no exílio, na derelição do pecado, vai morar na sesmaria das estrelas, pois inventou o amor e a morte. E a eternidade...

José Francisco Coelho



"Ao ler estes poemas (a trilogia de *Os Peãs*), lembrei-me do nosso Schmidt, que me citava uma frase, já não sei de quem, dizendo estar a felicidade nestas duas coisas: o poder e o amor correspondido. Mas não estará em ser santo? É o raio de luz que, com Léon Bloy, você me lança.

Vou ler, ainda outras vezes, estes seus livros. Sua

poesia é maravilhosa, tanto pelo lado épico como pelo lírico."

Gustavo Capanema



Os dois primeiros livros de sua trilogia (*O País dos Mourões* e *Peripécia de Gerardo*) me levaram a descobrir um mundo — que me prometo mais e mais — que não é tanto uma geografia e uma história, mas, no verdadeiro sentido da palavra, uma genealogia americana. Poesia das origens... Sua poesia não só me revelou uma paisagem humana e verbal, como também me levou ao desejo de conhecer sua prosa...

De uma carta de Octavio Paz, 18-1-74 (os livros haviam sido levados a Paz por um amigo comum, o escritor argentino José Bianco, tradutor de uma edição em espanhol de Gerardo Mello Mourão).



Parece que foi ontem, não é...

... Herbert Parentes Fortes, Gilberto de Mello Kujawski,
Euro Brandão, Tasso da Silveira, Parmênides, Rubem Fonseca,
Abdias do Nascimento, Astrid Cabral, Emílio Silva de Castro,
Gina Magnavita, Gerardo Mello Mourão, Antonio Paim,
Fernando Salles, Pico della Mirandola, Manoel Joaquim de
Carvalho Jr., Hermes Vieira, Heitor Marçal, Nélida Piñon,
Pedro II, Maria Alice Barroso, Oliveiros S. Ferreira, Luís Marques
Poliano, D. Odilão Moura, Antonio Olinto, Fernando Hupsel de
Oliveira, José Cândido M. de Carvalho, Castro Alves, J. Bédier,
Jorge Medauar, Dante Alighieri, Xavier Marques, Wilson Lins,
Luiz Jean Lauand, Paulo Napoleão Nogueira da Silva,
Maria da Conceição Paranhos, Ray Bradbury, Santo Tomás de
Aquino, Hildegardes Vianna, Sérgio Mattos, Vasconcelos Maia,
Plínio Salgado, Gerschenson e Ivanov, Alcântara Silveira,
Walter M. Miller Jr., James Blish, Robert Henlein, Jorge Luiz Calife,
Henrique V. Flory, Maria Luiza Heine, José Haroldo Castro Vieira,
Ivan Dorea Soares, Adonias Filho, Telmo Padilha, Cyro de Mattos,
Ivan Carlos Regina, Marien Calixte, George Stewart, José dos
Santos Fernandes, Theodore Sturgeon, Zbigniew Brzezinski,
Geraldo França de Lima, Oswaldo de Camargo, Rubem Nogueira,
Fredric Brown, Clifford D. Simak, Walmir Ayala, Marcos
Santarrita, Jan Potocki, H. P. Lovecraft, Sheridan Le Fanu,
Júlio César Machado, Clóvis Amorim, José Alípio Goulart,
Morris Janowitz, Deoscóredes Maximiano dos Santos (Didi),
Roberto de Souza Causo, Cid Fernandez, Roberto Schima,
Fausto Cunha, Dinah Silveira de Queiroz, Chad Oliver,
John Wyndham, Edna Savaget, Francis Carsac, Guido Wilmar
Sassi, José Alcides Pinto, Jerônimo Monteiro, Harold Mead,
Julieta Godoy Ladeira, Macedo Miranda, Zora Seljan, Fred Hoyle,
Rubens Teixeira Scavone, C. S. Lewis, Carl Friedrich,
Mário Faustino, João Camilo de Oliveira Torres, Raymundo
Schaun, Jonas Rocha, Euclides Neto, Leo Godoy Otero,
Elysio Condé, Adolpho Justo B. de Menezes, Victor Ferkiss,
Paulo Vidal, Emiliano Perneta, Silveira Neto, A. Tchecov?

E já vão 40 anos!

